

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)  
autor(a), o texto completo desse  
trabalho será disponibilizado  
somente a partir de 12/12/2025.

**JÉFFERSON LUIZ BALBINO LOURENÇO DA SILVA**

**As Representações das Mulheres Farroupilhas na minissérie**  
*A Casa das Sete Mulheres*

**ASSIS/SP**

**2024**

**JÉFFERSON LUIZ BALBINO LOURENÇO DA SILVA**

**As Representações das Mulheres Farrroupilhas na minissérie**

*A Casa das Sete Mulheres*

Tese de Doutorado apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis, para o Exame de Defesa, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Cultura).

Orientadora: Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva.

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

**ASSIS/SP**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

S586r Silva, Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da  
As representações das mulheres farroupilhas na  
minissérie *A Casa das Sete Mulheres* / Jéfferson Luiz  
Balbino Lourenço da Silva. — Assis, 2024  
280 p. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientadora: Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva

1. Pós-modernidade. 2. Mulheres na literatura.  
3. Representação. 4. Literatura e história. 5. A Casa das Sete  
Mulheres (Minissérie). I. Título.

CDD 907.2



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JÉFFERSON LUIZ BALBINO LOURENÇO DA SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.**

Aos 12 dias do mês de dezembro do ano de 2023, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de JÉFFERSON LUIZ BALBINO LOURENÇO DA SILVA, intitulada **As Representações das Mulheres Farroupilhas na minissérie A Casa das Sete Mulheres**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. MARTA GOUVEIA DE OLIVEIRA ROVAI (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL/MG, Profa. Dra. ANA MARIA COLLING (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal da Grande Dourados/MS, Profa. Dra. ALMUDENA GARCÍA-MANSO (Participação Virtual) do(a) Rey Juan Carlos Universidad - Facultad de Ciencias de Comunicacion/Espanha , Profa. Dra. VALERIA DOS SANTOS GUIMARÃES (Participação Virtual) do(a) Faculdade de Ciências Humanas e Sociais / UNESP/Câmpus de Franca. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO --. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ZÉLIA LOPES DA SILVA - *Zélia Lopes da Silva*

*Este trabalho é dedicado a todos que reconhecem a importância da teledramaturgia brasileira.*

*Dedico, especialmente, ao meu pai, José Luiz da Silva, (in memoriam), que sempre será um exemplo de resistência, à minha mãe, Elenice Lourenço da Silva, que sempre será meu exemplo de cuidado, à minha avó materna, Maria Aparecida Lourenço (in memoriam), que sempre será meu exemplo de gratidão – e de amor – Saudade!*

## AGRADECIMENTOS

*O quão feliz é uma pessoa que depende da profundidade de sua gratidão.*

*(John Miller)*

Como dizem os nativos digitais ao postarem textos de agradecimentos em suas respectivas redes sociais: “Atenção: Alerta de textão!”.

Não é novidade para ninguém, sobretudo, no meio acadêmico que produzir uma tese de doutoramento é sem dúvidas a atividade mais pesada, pois exige do discente uma maturidade intelectual que muitas vezes não dispõe em sua totalidade – se é que isso é possível, tal como imaginamos –. Mas que para obtenção do título acadêmico mais elevado que existe é quase uma exigência vital.

Os dissabores são incontáveis nessa aventura de cursar um doutorado e, principalmente, ao levarmos em consideração um longo período pandêmico, propiciado pela Covid-19, que nos isolou de tudo e de todos, inclusive, das bibliotecas e dos centros de documentação, logo assim vemos o quão foi árduo chegar até aqui. Mentalmente, posso dizer que foi enlouquecedor, pois perturbou a razão e provocou viva toda a emoção desse intenso processo...

Nessa caminhada há pessoas essenciais que me subsidiaram com os mais variados tipos de apoios que foram indubitavelmente necessários para manter-me em pé e firme na pesquisa e na caminhada da vida.

Nominalmente começo agradecendo minha exímia e assertiva orientadora, a Profa. Dra. Zélia Lopes da Silva, pois sem seu precioso auxílio nem nesse lugar (de futuro Doutor em História) eu estaria. Dada a sua incomensurável importância, vou me permitir alongar e relatar minha história com a Zélia.

Conheci-a, pessoalmente, mais precisamente no dia 04 de abril de 2016, quando às 14 horas, na Sala de Reuniões da Seção de Pós-Graduação da UNESP/Campus de Assis, me reuni com ela para a entrevista (última etapa) da Seleção do Mestrado. Ela não sabia, mas estar ali – naquele momento – era um dos momentos mais tensos da minha vida, pois queria muito ingressar no curso de mestrado, porém, já havia reprovado em outras cinco seleções, em outras universidades – e nas mais variadas etapas, inclusive, na entrevista –. E a Zélia fez uma arguição rígida (como deve ser!), respondi tudo que ela me perguntou, mas deu um nó na minha garganta quando no final ela me disse que aquele projeto deveria ser direcionado para

outro curso de Pós-Graduação como, por exemplo, de Comunicação Social ou Jornalismo. Nesse momento, achei que seria mais uma reprovação para coleção. Talvez, tendo percebido a expressão de tristeza indisfarçável que se abateu sobre meu rosto, Zélia me disse (quase como uma desculpa para se livrar daquele garoto tristonho) que poderia defender meu projeto para a Comissão de Seleção, porém, não iria garantir que teria êxito, uma vez que o meu projeto estava aquém do esperado. Não criei expectativas, mesmo sendo um “desiludido cheio de ilusões” – parafraseando a poetisa portuguesa Florbela Espanca –.

Embora sempre tenha sido persistente (algo que atribuo ao zodíaco, visto que sou taurino) sabia que – pelo menos naquele momento – não teria mais forças para tentar uma nova seleção, caso a constatação da reprovação tornasse uma realidade. Eis que no dia 25/04/2016, mesmo desacreditado, acessei o site da UNESP e quase caí da cadeira ao ver – no resultado final – meu nome na lista dos aprovados. Detalhe: foi o melhor presente de aniversário (27/04) que poderia ter recebido.

Tendo a aprovação no mestrado como uma realidade incontestada, me vi numa situação de ansiedade ao extremo, pois o curso começaria em 01/08/2016 e queria acelerar o tempo para chegar logo esse momento tão aguardado. A primeira aula (da disciplina de Teoria e Método) ocorreria no dia 04/08/2016, mas tive que faltar, uma vez que minha amada avó estava gravemente internada. Ela viria a falecer no dia seguinte, em 05/08/2016, e diante dos meus olhos.

Fiquei muito mal, revoltado com a vida, pois um dos momentos visto por mim próprio como um divisor de águas na minha vida intelectual/profissional coincidiu, justamente, com um período que devastou minha felicidade e que, inclusive, fez eu me revoltar contra Deus, haja vista que fazia apenas um ano que havia perdido meu pai e dois meses e meio que havia perdido minha avó paterna, a saudosa e querida Dona Nena ou como era carinhosamente chamada por meu pai, Neninha.

Logicamente, me senti deprimido, recorri a tratamentos medicamentosos para superar a depressão, mas o mestrado também se tornou um aporte terapêutico para eu lidar com a dor do luto. E querer fazer um bom trabalho, não apenas para agradar a Zélia, mas para fazê-la ter motivos de orgulho. E, obviamente, para ela não se arrepender da chance que me deu em ser teu orientando. Tudo isso fez com que eu fizesse daquela oportunidade uma chave motriz para seguir minha caminhada pela vida.

Reconheço que pequei pelo excesso dando muito trabalho à Zélia, mas também quando me adaptei aos protocolos acadêmicos e me adequei ao metiê de pesquisador

deslanchei... Tivemos alguns embates – como é natural ocorrer em toda relação interpessoal – porém, nada que pudesse abalar o respeito, admiração e carinho que sempre nutri por ela.

Desde 2016 continuo aprendendo com a Profa. Zélia não apenas como me tornar um bom pesquisador/historiador, mas também a ser um professor mais humano, sem perder de vista o comprometimento com a exigência que resulta em qualidade. Por tudo isso, agradeço imensuravelmente todo o conhecimento compartilhado ao longo desses anos comigo, **MUITO OBRIGADO, Zélia!**

Agradeço, ainda, minha mãe, Elenice por todo carinho, amor e atenção comigo. Se eu conquistei o mais alto título acadêmico devo isso essencialmente à minha mãe. Ela que sempre me motivava e estudar mesmo diante da preguiça. Cresci com ela me acordando para ir à escola dizendo: “Se não estudar não vai conseguir trabalho bom e ficará que nem eu que sou doméstica e que ganho pouco”. Obrigado por tudo e por tanto, minha mãe...

E minha gratidão a todos os Orixás, Entidades e Guias Sagrados da Umbanda, pelo suporte espiritual. Ao conhecer e, principalmente, me reconhecer nessa vertente religiosa me reconectei com a espiritualidade de um modo transcendental que me deu motivos para (re)acreditar na vida. Axé! Larouyé, Exu!

Agradeço, também, o companheirismo e paciência de Vitor Pereira da Silva e de todos os amigos, em especial, a Profa. Dra. Mirian Ribeiro Reis que me apoiaram direta ou indiretamente ao longo dessa jornada extenuante. Agradeço, muitíssimo, minha amiga Débora Carina Zimmermann pelo apoio emocional incontestado que me deu, sobretudo, nos últimos meses. E as minhas parceiras de trabalho: Lucila Torreti, Rosely Pereira e Diego Azorli que sempre me incentivaram...

Toda minha gratidão às professoras que estiveram presentes em meu Exame de Qualificação, ocorrido em 14 de dezembro de 2022: Profa. Dra. Janete Leiko Tanno, da UENP/Jacarezinho e a Profa. Dra. Joana Maria Pedro, da UFSC/Florianópolis. Sem dúvida foi muito importante à arguição feita por ambas naquele momento, uma vez que nortearam os rumos dessa pesquisa.

Continuo agradecendo – de modo infindável – as docentes que participaram da minha Banca de Defesa, a Profa. Dra. Ana Maria Colling, da UFGD; a Profa. Dra. Almudena García-Manso, da Universidad Rey Juan Carlos, a Profa. Dra. Valéria Guimarães, da UNESP/Franca e a Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai, da Universidade Federal de Alfenas por aceitarem não apenas arguirem meu texto, mas compartilharem o tempo e o conhecimento que dispuseram comigo. A avaliação de vocês foi o diferencial nessa minha conquista pelo título de Doutor em História.

Estendo meus agradecimentos aos professores que aceitaram generosamente serem suplentes nessa banca: a Profa. Dra. Janete Leiko Tanno, da UENP/Jacarezinho; a Profa. Tania Regina de Lucca, da UNESP/Assis e o Prof. Dr. João Paulo Rodrigues, da UFMT.

Expresso minha gratidão a UNESP/Campus de Assis, aos funcionários e professores do Departamento de História, em especial, a Profa. Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva, por todo préstimo que foram essenciais nesse percurso, sobretudo, meu eterno agradecimento ao querido amigo José Lino Alves.

Agradeço o financiamento da CAPES que foi vital para ampliar meus conhecimentos através da participação em eventos científicos e aquisição de livros.

E, por fim, agradeço meus entrevistados, os roteiristas Maria Adelaide Amaral, Vincent Villari, Lúcio Manfredi e Letícia Wierzchowski por toda receptividade que tiveram com essa pesquisa. Minha gratidão eterna!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*[...] Se o tema das mulheres for exclusivamente um tema do espaço feminino, não vai ganhar uma projeção de cunho amplo, nacional; os homens também precisam falar disso.*

*Lilia Moritz Schwarcz*

*El campo del intelectual es por definición la consciencia. Un intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y en su país es una contradicción andante y el que comprendiendo no actúa tendrá un lugar en la antología del llanto pero no en la historia viva de su tierra.*

*Rodolfo Walsh*

## RESUMO

Esta pesquisa de doutoramento tem como foco a análise da representação das mulheres farroupilhas na minissérie brasileira *A Casa das Sete Mulheres*, produzida e transmitida pela TV Globo em 2003, adaptada do romance histórico homônimo de Leticia Wierzchowski. O objetivo central dessa tese é investigar o motivo subjacente à abordagem emancipada das personagens femininas na minissérie, estabelecendo um contraste com a versão literária, e, em particular, explorando a influência da pós-modernidade nesse processo. A indagação principal que direciona esta pesquisa é: Qual foi o impulso para a ênfase no protagonismo feminino na minissérie, considerando a ausência desse elemento na obra literária original? A hipótese proposta sugere que a ênfase no empoderamento das mulheres farroupilhas na minissérie pode estar relacionada à influência da pós-modernidade durante o período de produção, refletindo um esforço para incorporar representações mais alinhadas com as demandas contemporâneas da sociedade. No escopo metodológico, a pesquisa adota uma abordagem abrangente da minissérie, incluindo decupagem geral, análise da sinopse, da narrativa, das personagens, dos diálogos, das temáticas incorporadas, da trilha sonora, do figurino e do cenário. Complementarmente, serão considerados depoimentos dos criadores da minissérie e da autora do romance, proporcionando uma perspectiva multifacetada sobre o processo de produção. A fundamentação teórica dessa investigação está ancorada na perspectiva pós-moderna, que será utilizada para explorar de que maneira essa corrente de pensamento pode ter influenciado a representação das mulheres na minissérie. A análise crítica desses elementos visa contribuir para uma compreensão mais aprofundada da construção e interpretação da narrativa, considerando o contexto sociocultural da produção. Os resultados desta pesquisa se concentrarão na análise da representação emancipada das mulheres farroupilhas na minissérie, abordando elementos como diálogos substanciais, temáticas incorporadas e a influência da autoria predominantemente masculina na configuração das personagens femininas. Essa análise oferecerá *insights* valiosos sobre as dinâmicas de gênero e os reflexos da pós-modernidade na produção cultural televisiva.

**Palavras-chave:** Representação; A Casa das Sete Mulheres; Pós-Modernidade; Submissão; Protagonismo Feminino.

## ABSTRACT

This doctoral research focuses on the analysis of the representation of farroupilha women in the Brazilian miniseries *The House of Seven Women (A Casa das Sete Mulheres)*, produced and broadcasted by TV Globo in 2003, adapted from the homonymous historical novel by Letícia Wierzchowski. The central objective of this thesis is to investigate the underlying reasons for the emancipated approach to female characters in the miniseries, establishing a contrast with the literary version and, in particular, exploring the influence of postmodernity in this process. The main question guiding this research is: What drove the emphasis on female protagonism in the miniseries, considering its absence in the original literary work? The proposed hypothesis suggests that the emphasis on empowering farroupilha women in the miniseries may be related to the influence of postmodernity during the production period, reflecting an effort to incorporate representations more aligned with contemporary societal demands. Methodologically, the research adopts a comprehensive approach to the miniseries, including overall analysis, synopsis examination, narrative analysis, character scrutiny, dialogue evaluation, exploration of incorporated themes, assessment of the soundtrack, costume, and scenery. Additionally, insights from the creators of the miniseries and the author of the novel will be considered, providing a multifaceted perspective on the production process. The theoretical foundation of this investigation is grounded in the postmodern perspective, which will be employed to explore how this line of thought may have influenced the representation of women in the miniseries. The critical analysis of these elements aims to contribute to a deeper understanding of the construction and interpretation of the narrative, considering the sociocultural context of production. The results of this research will focus on the analysis of the emancipated representation of farroupilha women in the miniseries, addressing elements such as substantial dialogues, incorporated themes, and the influence of predominantly male authorship on the configuration of female characters. This analysis will provide valuable insights into gender dynamics and the reflections of postmodernity in television cultural production.

**Keywords:** Representation; The House of Seven Women; Post-Modernity; Submission; Female Protagonism.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: As sete mulheres da família de Bento Gonçalves.....	74
Imagem 2: Infográfico com as personagens femininas principais da minissérie.....	75
Imagem 3: Ana Joaquina Gonçalves da Silva (Bete Mendes).....	76
Imagem 4: Maria Gonçalves da Silva Ferreira (Nívea Maria).....	77
Imagem 5: Caetana García y Gonzáles (Eliane Giardini).....	78
Imagem 6: Perpétua García Gonçalves da Silva (Daniela Escobar).....	80
Imagem 7: Rosário Gonçalves da Silva Ferreira (Mariana Ximenes).....	82
Imagem 8: Mariana Gonçalves da Silva Ferreira (Samara Felippo).....	83
Imagem 9: Manuela de Paula Gonçalves da Silva Ferreira (Camila Morgado).....	84
Imagem 10: O retrato de S. Mariana, Velho Ribeiro de Avellar, Viscondessa de Ubá, em que aparece seu traje.....	104
Imagem 11: Caetana (Eliane Giardini) esposa de Bento Gonçalves com um vestido verde que explora sua sensualidade.....	105
Imagem 12: Manuela e Giuseppe abraçados completamente nus.....	108
Imagem 13: Sequência da cena da noite de amor entre Manuela (Camila Morgado) e Giuseppe Garibaldi (Thiago Lacerda).....	110
Imagem 14: Maria chora ao ser confrontada pela filha.....	143
Imagem 15: Giuseppe Garibaldi (Thiago Lacerda) ensina Manuela (Camila Morgado) a atirar.....	165

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Diferenças entre Telenovela e Minissérie.....	46
Tabela 2: Quadro geral das minisséries – Década de 1980.....	54
Tabela 3: Quadro geral das minisséries – Década de 1990.....	61
Tabela 4: Quadro geral das minisséries – Década de 2000.....	68
Tabela 5: Quadro geral das minisséries – Década de 2000 – parte 2.....	275
Tabela 6: Quadro geral das minisséries – Década de 2010.....	277
Tabela 7: Quadro geral das minisséries – Década de 2020.....	279

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Total de minisséries produzidas pela TV Globo entre as décadas de 1980 e 2020.....	69
---	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informações sobre as entrevistas produzidas.....	150
Quadro 2: Recepção de Letícia Wierzchowski diante da adaptação televisiva.....	156
Quadro 3: Recepção de Letícia Wierzchowski diante da adaptação televisiva – continuação.....	158
Quadro 4: Comparativo de respostas dos entrevistados.....	161

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	18
<b>CAPÍTULO 1: A Adaptação do romance histórico <i>A Casa das Sete Mulheres</i> na teledramaturgia brasileira.....</b>	44
1.1 A Produção de Minisséries na TV Globo.....	44
1.1.1 Minissérie: um produto de requinte.....	69
1.2 Um balanço da produção de minisséries pela TV Globo.....	71
1.3 <i>A Casa das Sete Mulheres</i> e a evidencia do protagonismo feminino.....	74
1.4 A representação das mulheres na minissérie a partir do contexto histórico da época.....	86
<b>CAPÍTULO 2: O Intento de Pós-Modernidade na adaptação e representação das mulheres farroupilhas na minissérie <i>A Casa das Sete Mulheres</i>.....</b>	89
2.1 Elucidando os conceitos de Pós-Modernismo e Pós-Modernidade para compreendermos a ambiência temporal que <i>A Casa das Sete Mulheres</i> está circunscrita.....	90
2.2 A chamada cultura pós-moderna.....	96
2.3 A Pós-Modernidade na produção televisiva brasileira.....	98
2.4 A Pós-Modernidade em <i>A Casa das Sete Mulheres</i> .....	102
2.4.1 A Sexualidade das mulheres farroupilhas representadas na minissérie.....	106
2.4.2 Os casamentos arranjados e o (não) poder de escolha da mulher.....	113
2.4.3 A “liberdade” das mulheres pobres livres.....	115
2.4.4 As “chinas gaúchas”: a representação das prostitutas.....	116
2.4.5 As vivandeiras.....	118
2.5 Representação do Feminismo em <i>A Casa das Sete Mulheres</i> .....	123

2.5.1 Sororidade em cena.....	128
2.6 As Mulheres na lide.....	133
2.7 O Sofrimento de Rosário.....	136
2.8 Transgressão X Submissão.....	138
2.9 Obediência ao homem (pai/marido/irmão).....	141
<b>CAPÍTULO 3: Uma análise da representação que as mulheres tiveram na minissérie <i>A Casa das Sete Mulheres</i> – 20 anos depois: memória, representações e significados.....</b>	<b>145</b>
3.1 A Leitura que os roteiristas fazem da minissérie após duas décadas.....	152
3.2 Intento feminista ou recurso teledramatúrgico?.....	162
3.3 <i>A Casa das Sete Mulheres</i> enquanto obra cultural de ruptura.....	171
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>173</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>177</b>
<b>FONTES ORAIS.....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>179</b>
<b>APÊNDICE I.....</b>	<b>186</b>
Entrevista I - Vincent Villari.....	186
Entrevista II - Lúcio Manfredi.....	218
Entrevista III - Maria Adelaide Amaral.....	244
Entrevista IV - Letícia Wierzchowski.....	271
<b>APÊNDICE II.....</b>	<b>275</b>

## INTRODUÇÃO

Muitas vezes discutimos, com entusiasmo, sobre este ou aquele “efeito” da televisão ou os tipos de comportamento social, as condições culturais e psicológicas a que a televisão “levou”, sem nos sentirmos obrigados a perguntar se é razoável descrever qualquer tecnologia como causa.

Raymond Williams<sup>1</sup>

Ao longo de sua história, sobretudo, pelos segmentos artísticos e críticos especializados, a televisão brasileira foi considerada como um produto de baixo valor artístico e cultural, isto é, provocando uma suposta degradação intelectual junto a seu público. Esse ponto de vista crítico, frequentemente, apontou para a predominância de conteúdos comerciais, sensacionalistas e de entretenimento de massa, em detrimento de produções de maior profundidade e relevância cultural. Essa percepção é resultado de uma série de fatores históricos, sociais e econômicos que moldaram o desenvolvimento desse produto midiático no país.

Logo assim, durante sua existência, a televisão brasileira esteve, maiormente, voltada para o entretenimento comercial, ou seja, telenovelas, programas de auditório, *reality shows* e outras produções populares permearam nas grades de programação, inclusive, em detrimento de programas de cunho educativos e culturais. Essa orientação foi influenciada por questões econômicas, uma vez que a televisão comercial depende da audiência e, conseqüentemente, dos anunciantes para manter-se financeiramente. Como resultado, o foco em conteúdo de apelo massivo, por vezes superficial, tornou-se uma prática comum.

---

<sup>1</sup> Raymond Williams (1921-1988) foi um influente crítico cultural, escritor e teórico britânico, conhecido por suas contribuições significativas para os estudos culturais e literários. Ele desempenhou um papel fundamental na formação da crítica cultural contemporânea e suas ideias continuam a ser uma referência importante em áreas como literatura, mídia e cultura. Williams foi pioneiro na análise das relações entre cultura e sociedade. Ele argumentava que a cultura não era algo separado da vida cotidiana, mas estava intrinsecamente ligada a questões sociais, econômicas e políticas. No tocante a cultura popular, Williams também desafiou a distinção tradicional entre cultura alta e cultura popular. Ele examinou como as formas de cultura popular, como literatura de massa, televisão e música popular, desempenham um papel vital na vida cultural e como elas são moldadas por questões sociais e econômicas. [Informações obtidas em: <<https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/raymond-williams-90>>. Acesso em 19/10/2023].

Contudo, a comunicação, enquanto campo de estudo, têm sido objeto de constantes reflexões e debates que ultrapassam as fronteiras conceituais tradicionais. Além das discussões clássicas sobre teorias da comunicação, emergem temas contemporâneos que desafiam as estruturas preexistentes.

Nesse sentido, a ascensão exponencial da tecnologia nas últimas décadas alterou significativamente as dinâmicas comunicacionais. A globalização da informação, impulsionada pela digitalização e pela ubiquidade da internet, reconfigurou as interações sociais e os fluxos de comunicação. Autores como Castells<sup>2</sup> e Jenkins<sup>3</sup> argumentam que a sociedade contemporânea é marcada pela convergência midiática, na qual a interação entre diferentes plataformas tecnológicas molda a forma como as mensagens são transmitidas e recebidas. Coadunado a isso, as redes sociais, por exemplo, desempenham um papel central nessa transformação, proporcionando um espaço para a disseminação de informações, construção de identidades virtuais e engajamento público. A discussão sobre o impacto das redes sociais na comunicação contemporânea é complexa e multifacetada, abordando desde a democratização do acesso à informação até os desafios relacionados à desinformação e à polarização.

No entanto, é importante considerar que essa percepção de degradação intelectual<sup>4</sup> não abrange toda a diversidade da produção televisiva brasileira. Ao longo das décadas, houve esforços para criar programas que educassem, informassem e promovessem discussões culturais mais aprofundadas. Programas jornalísticos, documentários, debates e séries de qualidade artística e cultural foram produzidos e transmitidos, embora muitas vezes em horários menos nobres e com menor visibilidade<sup>5</sup>.

Além do mais, é notável que nos últimos anos, com o avanço das tecnologias e o surgimento de novas plataformas de streaming e canais especializados, a televisão brasileira tem experimentado mudanças significativas em sua paisagem, uma vez que houve um aumento na produção de séries, documentários e programas que exploram temas mais

---

<sup>2</sup> CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

<sup>3</sup> JENKINS, Henry. **Convergence Culture**: Where Old and New Media Collide. New York: NYU Press, 2006.

<sup>4</sup> FREIRE FILHO, João. O debate sobre a qualidade da televisão no Brasil: da trama dos discursos à tessitura das práticas. In: BORGES; REIA-BAPTISTA. **Discursos e práticas de qualidade na Televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. pp. 81-96.

<sup>5</sup> Cabe esclarecer que a percepção de que a televisão brasileira foi por muito tempo um produto de baixo valor artístico, causando degradação intelectual em seu público, reflete uma parte da realidade histórica desse meio de comunicação. No entanto, essa visão não abrange toda a complexidade da produção televisiva no país, que inclui tanto conteúdos mais comerciais quanto esforços para promover debates culturais e intelectuais. Com as mudanças na indústria e nas preferências do público, a televisão brasileira tem a oportunidade de se reinventar e ampliar sua oferta de conteúdos de qualidade artística e cultural.

complexos e desafiam a noção de que a televisão é apenas um meio de entretenimento superficial. Essa transformação sugere uma abertura para produtos mais diversificados e, culturalmente, relevantes.

Com esse cenário firmado, os pesquisadores de produtos televisivos amparam-se em linhas teóricas europeias para justificarem seus objetos de estudos como na teoria crítica da Escola de Frankfurt.

No início da década de 1970, o teórico britânico Raymond Williams lançou as bases para o campo dos estudos culturais e do materialismo cultural, sobretudo, ao descrever a programação televisiva como um fluxo tanto homogêneo quanto hipnótico.<sup>6</sup> Isto é, algo necessário para a compreensão de que os pesquisadores que tinham como objeto de estudo à televisão (ou suas congêneres) deveria ter como objetivo o repúdio a esse determinado tipo de fonte, algo totalmente diferente dos pesquisadores de outros campos de estudo.<sup>7</sup>

Contudo, esse cenário vem se modificando nos últimos anos, principalmente, quando nos deparamos com os estudos da mídia<sup>8</sup> do semiólogo Jesus Martín-Barbero<sup>9</sup> que observa – a partir dos fundamentos da Escola de Frankfurt – um “aristocratismo cultural que se nega a aceitar a existência de uma pluralidade de experiências estéticas, uma pluralidade dos modos de fazer e usar socialmente a arte”. Tal observação, inclusive, fez com que Adorno, citado por Jesus Martín-Barbero, afirmasse o quão é preciso desconstruir o conceito de prazer artístico<sup>10</sup>. Além do que o crítico e teórico da comunicação, e especialista em indústria cultural e da mídia e de seus fenômenos, o intelectual Douglas Kellner<sup>11</sup> que alcunhou o conceito *cultura de mídia*<sup>12</sup>, acredita que há toda uma cultura midiática que exerce uma

<sup>6</sup> WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. Londres e Nova York: Routledge, 2003. pp. 89-96.

<sup>7</sup> THOMPSON, Kristin. **Storytelling in film and television**. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 2003. p. 4.

<sup>8</sup> Ao longo desse estudo buscamos trazer uma abordagem da mídia no qual transita entre o reconhecimento da mídia como lugar de lucro, haja vista que trabalha com produtos mercadológicos e, conseqüentemente, de sua reivindicação enquanto educadora tanto para indivíduos ligados à esquerda quanto para aqueles ligados à direita, visto que essa vertente também possui grupos que lutam pela destruição do patriarcado, do racismo, da homofobia... [Fonte: NADAI, Bruna Cardoso de. SILVA, Wallace de Gois. **A Mídia como elemento potencializador de efeitos de poder: verdade, sujeição e resistência**. In: Escola Superior de Gestão e Contas Públicas Conselheiro Eurípedes Sales, EGC-TCM. 2020. Disponível em: <<https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/images/artigos/hotsite/midia-efeitos-poder-tcc.pdf>>. (Artigo de Curso de Aperfeiçoamento)].

<sup>9</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

<sup>10</sup> Ibid. p. 66.

<sup>11</sup> KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

<sup>12</sup> Para Kellner, o conceito de "cultura de mídia" refere-se a uma abordagem interdisciplinar que analisa como a cultura contemporânea é moldada e influenciada pela mídia de massa, incluindo a televisão, o cinema, a internet, a publicidade, entre outros meios de comunicação. A cultura de mídia, de acordo com Kellner, desempenha um

influência durante todo o tempo sobre as pessoas. Nessa perspectiva, a cultura midiática aparece na formação de opiniões, solidificações de identidades, passando-nos, por exemplo, a ideia do que é moral ou imoral. Ou seja, a indústria cultural não é meramente uma fábrica de produtos, mas sim um arsenal cultural que os indivíduos estão inseridos.

Contudo, ainda se faz presente na teledramaturgia o estigma de *prazer artístico*<sup>13</sup>, refutado por Adorno, isto é, aquelas concepções imorais que sobrepujam a ideia de democracia estético-cultural, ou seja, colocando em questionamento a qualidade de uma obra de arte televisual num mesmo patamar de lixo cultural. Portanto, a qualidade artística fica aquém do esperado sendo, justamente, isso que ainda coloca em descrédito, sobretudo, no meio intelectualizado, pesquisas que possuem como objetos de estudo as produções de teledramaturgia.

Em consonância com o pensamento de Adorno, na visão do crítico literário alemão Andreas Huyssen não se pode reduzir a crítica cultural, exclusivamente, a problemática da qualidade, afinal “nem toda obra de arte que não se conforma às noções canonizadas de qualidade é automaticamente uma peça Kitsch<sup>14</sup>”. Ademais, de acordo com Huyssen, é possível transformar obras kitsch em obras de arte de alta qualidade, sobretudo, porque a pós-

---

papel fundamental na construção da identidade individual e coletiva, na formação de opiniões públicas, na produção de significados culturais e na disseminação de valores e ideologias. Ele argumenta que a mídia não apenas reflete a cultura existente, mas também a influência, desempenhando um papel ativo na construção da realidade social. Kellner enfatiza a importância de analisar criticamente a *cultura de mídia* para entender como ela afeta a sociedade e como as pessoas consomem, interpretam e respondem à mídia. Ele sugere que a cultura de mídia não é homogênea, mas sim caracterizada por uma multiplicidade de discursos, narrativas e representações que podem refletir diferentes pontos de vista, interesses e poderes na sociedade. Logo assim, o conceito de *cultura de mídia* de Douglas Kellner enfatiza a influência significativa da mídia de massa na cultura contemporânea e a importância de uma análise crítica para compreender como a mídia molda e é moldada pela sociedade. (KELLNER, 2001).

<sup>13</sup> O conceito de *prazer artístico* é associado à experiência estética que as pessoas têm ao apreciar obras de arte, música, literatura e outras formas de expressão criativa. No entanto, Theodor W. Adorno, um dos principais teóricos da Escola de Frankfurt, ofereceu uma crítica profunda e complexa ao conceito tradicional de *prazer artístico*. Sua visão desafia a ideia de que a arte deve proporcionar um mero prazer ou entretenimento estético e argumenta que a verdadeira arte deveria ser mais provocativa e crítica em relação à sociedade. Adorno acreditava que a cultura de massas e a indústria cultural estavam transformando a experiência artística em uma forma de entretenimento superficial. Ele argumentava que a busca pelo prazer imediato estava levando à padronização da cultura, à conformidade e à alienação. Em vez de promover a reflexão crítica e a emancipação, a cultura de massas estava sendo usada para distrair as pessoas e mantê-las passivas em relação às estruturas de poder existentes. Para esse intelectual, a verdadeira arte deveria ser desafiadora e perturbadora. Ela não deveria buscar simplesmente agradar ao público, mas sim questionar as normas sociais e culturais, revelar contradições e confrontar as complexidades da existência humana (ADORNO, 1986).

<sup>14</sup> O termo Kitsch foi criado no decorrer do século XIX para denominar produções artísticas consideradas inferiores e de qualidade duvidosa. Atualmente, o conceito foi ressignificado servindo como definição de manifestação cultural personalista.

[Informações obtidas em: < <https://www.vivadecora.com.br/pro/kitsch/>>. Acesso em 23/10/2023].

modernidade absorveu o kitsch não apenas como algo relacionado à diferenciação social, mas como uma vertente de ironia aos padrões clássicos pré-estabelecidos.<sup>15</sup>

Posto isso, é perceptível que o que nos move a pesquisar sobre esse determinado assunto é o nosso envolvimento afetivo com o objeto de estudo e isso não é nenhum demérito – ao contrário do que muitos pensam –, afinal isso não enviesa a pesquisa, visto que temos a ciência do comprometimento – e necessidade – do distanciamento e da criticidade que precisamos ter em relação ao objeto.

No que tange à TV brasileira há algo que se contrapõe à ideia de uma produção homogênea. Ao longo desses setenta e três anos da televisão no Brasil<sup>16</sup> houve diversos períodos de transformação, sobretudo, no tocante à teledramaturgia. As telenovelas, no formato tal como conhecemos hoje, surgiram no Brasil no início da década de 1950, especificamente em 1951, com a estreia da primeira telenovela brasileira, intitulada *Sua Vida Me Pertence*. E no início da década de 1980, surge pela TV Globo um novo produto de teledramaturgia: as minisséries.

Esse novo gênero televisivo se desenvolveu como uma resposta criativa ao modelo tradicional de telenovelas. No caso, as minisséries se diferenciavam das telenovelas tradicionais em vários aspectos: eram compostas por um número fixo de episódios, geralmente entre 20 e 50, em oposição às telenovelas, que eram programas de longa duração com enredos abertos e sem data de término definida; costumavam ter histórias mais densas e complexas, com um foco em narrativas mais curtas e bem definidas; abordavam temas sociais e políticos relevantes da época, contribuindo para a discussão pública dessas questões.

Com o tempo, o seu formato evoluiu para incluir histórias mais diversificadas e produções de alta qualidade cinematográfica. Até hoje, as minisséries continuam a ser produzidas e desempenham um papel importante na televisão brasileira. Elas oferecem uma alternativa criativa às telenovelas tradicionais e proporcionam uma oportunidade para contar histórias complexas e cativantes em um formato mais curto.

Deste modo, pretendemos utilizar uma minissérie como objeto de estudo para averiguar que tipo de representação houve da mulher e – de modo geral – da feminilidade numa minissérie brasileira, no caso *A Casa das Sete Mulheres*, adaptada do romance histórico homônimo que por sua vez é baseado num acontecimento do campo da história, a Revolução Farroupilha.

---

<sup>15</sup> HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997. p. 45.

<sup>16</sup> A televisão chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950 com a inauguração da TV Tupi.

Nesse sentido, sabemos que compreender a história de nossos antepassados é muito mais que importante, é algo essencial, pois assim redescobriremos a nossa própria história. E, nessa conjuntura, é possível observar que devido o surgimento dos *Annales* adveio “(...) uma verdadeira dilatação do campo de trabalho do historiador, tanto no que diz respeito a atores quanto a temas ou objetos”.<sup>17</sup> Posto isso, há espaço para a História Cultural estudar representações discursivas e imagéticas “pelas quais os homens expressam a si próprio e o mundo” como é o caso da teledramaturgia brasileira que visa ser uma representação de nossa sociedade.

Assim sendo, para fazer a análise das mulheres farroupilhas que a minissérie representou corroboraremos nos preceitos do historiador Roger Chartier<sup>18</sup>, uma vez que trabalharemos com os conceitos de *representação* e *apropriação*, pois “visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que as produzem”<sup>19</sup>.

Partindo do ponto de vista ideológico, em sua obra, Roger Chartier<sup>20</sup> esclarece que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam”. Esse pensamento de Chartier embasa muito o fato de haver na minissérie representações distorcidas da realidade. Ainda, de acordo com o historiador francês, as percepções da realidade não trazem discursos neutros, pois “produzem estratégicas e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar indivíduos, as suas escolhas e condutas”<sup>21</sup>. Ou seja, há nas representações, propostas pelo nosso objeto, intencionalidades da parte de quem produziram. E a nossa missão será trazer à luz da historiografia esses significados.

Dada à temática central e histórica da minissérie supracitada, sabemos que embora o tema Revolução Farroupilha seja pautado, recorrentemente, em pesquisas no campo da História é sempre oportuno estudos relativos ao assunto, pois certamente resultarão novas abordagens, uma vez que são outros tempos com outras características e idiosincrasias. Além do que os estudos que abarcam a tônica da Revolução Farroupilha e seu ‘entorno’ estão restringidos, em sua maioria, nos estudos da História do Rio Grande do Sul como

<sup>17</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. Revista Estudos Avançados. vol. 11, 1991, pp. 173-191.

<sup>19</sup> Ibid. p. 179-180.

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988. p. 17.

<sup>21</sup> Ibid. p. 17.

majoritariamente à história política que, “neste caso, é uma história masculina, uma história de guerreiros ricos ou pobres, brancos ou negros”, como observa Eloísa Helena Capovilla da Luz Ramos<sup>22</sup>. Segundo a estudiosa, há outros recortes temáticos deste período e deste tema que não foram suficientemente trabalhados.

Ainda, de acordo com a historiadora gaúcha, “os próprios textos [produzidos] sobre a Revolução são bastante econômicos quanto à presença e/ou participação feminina no seu desenvolvimento. Possivelmente quem escreveu estava abordando outros aspectos e as mulheres, nesse caso, ficaram escondidas”<sup>23</sup>.

A despeito da escassez da participação feminina em estudos sobre a Revolução Farroupilha, vemos que há uma reflexão preocupante sobre a representação e o reconhecimento das mulheres na história e na pesquisa acadêmica, sobretudo, pelo fato da historiografia tradicional focar nas ações e nos feitos de homens, relegando as mulheres um papel secundário ou ignorando completamente suas contribuições, o que resulta em uma lacuna na pesquisa sobre as mulheres na Revolução Farroupilha.

Coadunando a isso, a pesquisa histórica depende em maior parte de documentos e registros escritos. E, muitas vezes, os feitos das mulheres não foram devidamente documentados ou reconhecidos, o que dificulta a recuperação de suas histórias. Além do que a sociedade do século XIX tinha papéis de gênero rigidamente definidos, o que limitava as oportunidades e a visibilidade das mulheres em atividades públicas, incluindo revoluções, o que certamente propiciou numa sub-representação das mulheres nos registros históricos.

Dessarte disso, é notório que nas narrativas históricas, sobretudo, de guerra o foco estão nos homens que são naturalmente inquiridos com protagonismo, isto é, invisibilizando as contribuições das mulheres que desempenharam papéis igualmente importantes, como espãs, combatentes e lideranças em suas próprias comunidades durante a Revolução Farroupilha.

Portanto, temos uma missão desafiadora, haja vista que se trata de uma pesquisa sobre a participação feminina em eventos históricos, o que nos exige esforços adicionais para recuperar e documentar suas histórias. Logo assim, para abordar a escassez da participação feminina em estudos sobre a Revolução Farroupilha e em outros eventos históricos, é importante promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa na pesquisa histórica.

---

<sup>22</sup> RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **As Mulheres no Cotidiano do Rio Grande do Sul Farroupilha**. In: Revista Justiça e História, v. 6. n. 12, 2008. p. 02.

<sup>23</sup> Ibid. p.04.

Assim a presente tese de doutoramento carece de novos olhares e outras explorações. Diante disso, em busca realizada junto à base de dados da UNESP, através do catálogo on-line Athena, no qual utilizamos os termos “revolução farroupilha” “mulheres farroupilhas” e “a casa das sete mulheres” observamos que o primeiro indicador apontou 14 registros, enquanto o segundo termo não apresentou registro e o terceiro termo apenas 2 registros, apenas há incidência de duas dissertações de mestrado que abordam o romance da escritora gaúcha, ambas pesquisas vinculadas à programas de pós-graduação em Letras.

No banco de dados de teses e dissertações da USP ao usarmos os termos em questão, encontramos para o primeiro, 236 pesquisas relacionadas que abordam direta e indiretamente o contexto do Decênio Histórico, para o segundo e terceiros termos não foram localizadas nenhuma pesquisa científica desenvolvida.

Na base de dados do Scielo encontramos para o primeiro indicador a presença de 4 trabalhos relacionados à temática, porém, todos circunscritos na esfera da história política. E para o segundo e terceiro indicador não foram localizadas nenhum trabalho realizado até o momento.

Em pesquisa realizada na plataforma Lume, repositório digital da UFRGS, para o termo “revolução farroupilha” encontramos 1.268 dissertações e teses nos mais variados campos de estudo, porém, nenhum evidenciando a figura da mulher tanto que para o termo “mulheres farroupilhas” não foram encontradas em nenhuma pesquisa. Entretanto, com o termo “a casa das setes mulheres” localizamos a dissertação *O Cenário como signo em minisséries históricas: a linguagem do habitar em A Casa das Sete Mulheres*, de Valesca Henzel Santini, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação no qual Santini analisa a maneira que os objetos que compõe o cenário da minissérie atuam como um sistema de signos capaz de trazer informações históricas de uma época passada.

Portanto, não há nenhuma pesquisa que abrange no contexto da Revolução Farroupilha uma ávida participação das mulheres e que tenha recorrido ao romance histórico *A Casa das Sete Mulheres* para explicar como tal fato esteve representado na ficção, o que nos leva a considerar que a respectiva tese de doutoramento é relevante do ponto de vista acadêmico, visto que trará novas perspectivas para a pesquisa histórica, sobretudo, naquelas que envolvem as mulheres num campo predominantemente masculino.

A opção por englobar nessa pesquisa a temática das mulheres demonstra o reconhecimento da importância desse sujeito histórico como também evidencia “a grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até

então excluídos do seu interesse[...]”.<sup>24</sup> Ademais, conforme aponta a historiadora espanhola Elena Hernández Sandoica, em seu texto *História de las Mujeres y de Las Relaciones de Género*, a história das mulheres desse modo plural e heterogêneo como vem se construindo atualmente, isto é, visando o resgate da mulher enquanto um sujeito social é algo notadamente recente, basta ver que, inclusive, na historiografia até pouco tempo atrás a mulher era vista como “[...] um objeto subalterno, oculto e iludido, apesar do peso demográfico constante das mulheres ao longo da história e do papel indiscutível desempenhado pelas mulheres em todos os tipos de sociedades”<sup>25</sup>.

Não obstante, fica evidente que apesar de ter diversas pesquisas nos mais variados campos de estudos relacionados à Revolução Farroupilha ainda assim há necessidade de mais novos estudos relacionados à temática, pois, conforme afirma Hill<sup>26</sup>, a cada nova geração, é preciso reescrever a história, “porque embora o passado não mude, o presente se modifica; cada geração formula novas perguntas ao passado e encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras”.<sup>27</sup> Portanto, apesar de ser uma temática com o maior número de pesquisas na face da História do Rio Grande do Sul devemos trazer novos olhares para esse assunto, essencialmente, porque em quase todas as pesquisas existentes sobre o respectivo tema, esse evento histórico aparece circunscrito no âmbito da história política, ou seja, uma história masculina que praticamente exclui a feminilidade de seu cerne, isto é, há uma escassez de trabalhos que vincula a participação feminina na referida revolta.

Como a Revolução Farroupilha está, intrinsecamente, arraigada no contexto narrativo da minissérie *A Casa das Sete Mulheres* é essencial à compreensão desse evento histórico para analisarmos se a minissérie trouxe ou não algum avanço ao representar as mulheres farroupilhas.

No que tange o reconhecimento da mulher, ao defrontarmos com as reflexões de Michelle Perrot<sup>28</sup> vemos que até “o século XVIII ainda se discutia se as mulheres eram seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais”. É que somente a partir do final do século XIX que as mulheres tiveram direito à educação e que,

<sup>24</sup> SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275.

<sup>25</sup> “un objeto subalterno, oculto y eludido, a pesar del constante peso demográfico de las mujeres a lo largo de la historia e del indiscutible papel desempeñado por la mujer en todo tipo de sociedades”. (texto original). [SANDOICA, Elena Hernández. *História de las Mujeres y de Las Relaciones de Género*. In: **Tendencias Historiográficas Actuales**: Escribir Historia Hoy. Madri: Akal, 2004. pp. 237-238].

<sup>26</sup> HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>27</sup> Ibid. p. 32.

<sup>28</sup> PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 11.

tardiamente, no século XX que “descobriu-se que as mulheres têm uma história (...). Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita”. Portanto, é fundamental que haja cada vez mais pesquisas como a nossa que evidencia e resgata a mulher enquanto sujeito histórico ativo socialmente.

À vista disso, é importante recuperar conceitos basilares da corrente feminista, principalmente, porque nos dará subsídios para analisar as representações das mulheres farroupilhas na minissérie que dispomos a pesquisar. Para adentrar essa seara é imprescindível historicizarmos o termo *feminismo* que “por definição, é um movimento social, político e filosófico que tem como objetivo libertar e emancipar todas as mulheres”<sup>29</sup>.

O termo *feminismo* surgiu em meados do século XIX, mas especificamente em 1837<sup>30</sup> quando o filósofo Charles Fourier falava que as sufragistas também eram chamadas de “feministas”. Inclusive, havia uma disputa pelo termo, basta ver que os jornais do início do século XX chamavam de vitória feminista quando alguma mulher conseguia ingressar num curso superior ou no mercado de trabalho, sobretudo, naqueles considerados masculinos ou então quando algum país aprovava leis que ampliavam os direitos das mulheres como, por exemplo, de votar e ser eleitas.

Contudo seu uso e definição [do termo feminismo] alteraram-se ao longo do tempo. Inicialmente, o termo é frequentemente associado ao movimento pelo sufrágio feminino e à luta das mulheres por direitos políticos e civis iguais. No entanto, as concepções e objetivos do feminismo se expandiram consideravelmente ao longo dos anos, abrangendo questões que vão além do sufrágio, como igualdade de gênero, direitos reprodutivos, justiça social...

No Ocidente, o termo feminismo, se populariza nos anos 1960, quando diversos movimentos sociais passaram a lutar pelos direitos civis às minorias. Nessa conjuntura, nos Estados Unidos, em paralelo à luta dos afroamericanos contra a segregação racial houve uma nova onda do movimento de mulheres que – diferentemente da primeira fase, ocorrida no final do século XIX e início do século XX, quando tinha como objetivo a luta pelo direito ao voto – se firmava a partir dos ideais propostos pela escritora francesa Simone de Beauvoir, em sua célebre obra *O Segundo Sexo* (1949).<sup>31</sup> A inspiração em Simone de Beauvoir é necessária a esse novo movimento, haja vista que ela desenvolveu um prolífico estudo acerca do “desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos de sua socialização que a

<sup>29</sup> BRUM, Daniela Moraes. **Feminismo pra quem?** Para todas as mulheres, inclusive, para aquelas que julgam não precisar dele. Bauru/SP: Astral Cultural, 2020. p. 12.

<sup>30</sup> FOURIER, Charles. *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales* - Tome I. Paris: Createspace Independent Publishing Platform, 2015.

<sup>31</sup> SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário Mulheres do Brasil:** de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 229.

tornam alienada e submissa ao homem”<sup>32</sup>. Outrossim, a pensadora francesa é a principal referência, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, para a compreensão do feminismo.

Cabe destacar que Simone de Beauvoir segue a linhagem filosófica do existencialismo<sup>33</sup> que – tal como Sartre – apregoa que o homem é livre para criar, isto é, sem nada pré-determinado o que ocasionava a chamada *angústia da liberdade* (o homem angustiado por não saber criar e nem escolher o caminho ideal que deveria seguir...) <sup>34</sup>. A partir dessa reflexão do filósofo francês fica evidente que a consciência do homem é feita a partir da materialização de suas escolhas.

É, justamente, dentro dessa ótica sartreana que se estabelecem as escritas de Simone de Beauvoir, principalmente na obra *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949, em dois volumes (sendo eles: *Fatos e Mitos*<sup>35</sup> e *A Experiência Vivida*<sup>36</sup>), nos quais Beauvoir discute os mitos que pairam em torno da figura da mulher, além de refutar teorias a respeito da feminilidade. A referida obra é considerada um marco do movimento feminista, inclusive, de modo intencional, para essa obra a autora deixou a linguagem rígida, comumente, utilizada em seus primeiros escritos e de maneira deliberada passa a utilizar uma linguagem mais simples, justamente, para chegar às leitoras que não possuíam o mesmo traquejo acadêmico da escritora e assim passar a estas os seus conhecimentos sobre a experiência de *ser mulher*.

A obra *O Segundo Sexo*, em específico, inova por trazer um imensurável avanço no campo de estudos da feminilidade, sobretudo, porque Beauvoir traz rigorosas pesquisas interdisciplinares. Além de discutir os mitos que pairam em torno do feminino, a autora também rebate “teorias sobre a feminilidade elaboradas por nomes importantes, de Aristóteles

---

<sup>32</sup> Ibid. p. 229.

<sup>33</sup> Na tradição filosófica grega mais precisamente na visão de Platão, o mundo é compreendido através da essência. Isto é, há uma verdade circunscrita no campo das ideias e os indivíduos devem buscar essa verdade que nada mais é que a “essência” e o mundo se consolida através desse ideal algo que, aliás, prevalece tanto na Antiguidade Clássica como também na Idade Média. Com o advento do Cristianismo esse ideal de essência é amplamente desenvolvido acarretando a essencialidade a partir da criação divina. Contudo, no Renascimento ocorre uma nova configuração de mundo trazendo consigo novas esferas (social, econômica, científica e filosófica) e com isso o ideal de essência vai perdendo força tanto que no século XIX a Biologia admite que os processos biológicos estão em constante mutação com o Darwin e com isso o existencialismo se insere, ou seja, trazendo a ideia de que não existe uma essência pra nada, visto que as coisas estão num constante devir/constante transformação/movimento. E é, justamente, o existencialismo que compreende o mundo como um processo, afinal conforme enfatiza o filósofo francês Jean-Paul Sartre: “A existência precede a essência”. Portanto, primeiramente é preciso produzir a existência para formar a essência, diferentemente do conceito platônico de existência pré-determinada. (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1993, pp. 291-293).

<sup>34</sup> SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdiggão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 545.

<sup>35</sup> BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

<sup>36</sup> BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

(384-322 a.C.) a Sigmund Freud (1856-1939), passando por Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895).<sup>37</sup> Para dimensionarmos ainda mais o quão importante – e temida? – é a principal obra da filósofa francesa, “o livro vendeu na primeira semana de lançamento 22 mil exemplares, mas foi proibido no Vaticano e criticado de forma veemente por movimentos políticos à esquerda e à direita”.<sup>38</sup>

Não foi apenas com *O Segundo Sexo* que Beauvoir rompeu paradigmas, basta ver que a autora foi uma mulher transgressora para sua época, afinal nunca se casou e nem teve filhos, residia sozinha, manteve relacionamentos homoafetivos, se dedicou integralmente à escrita e ao magistério superior ao invés de trilhar o caminho padrão imposto secularmente pela sociedade, visto que não optou em ter sido a mulher de Sarte (1905-1980), com quem manteve duradouro relacionamento, ou seja, “optou por ser lembrada como a escritora feminista e filósofa existencialista”.<sup>39</sup>

Retornando à obra *O Segundo Sexo* e configurando sua importância para o movimento feminista vemos que isso ocorre dada a sua densidade acerca da temática. Beauvoir busca desmistificar os pressupostos fatos que estão relacionados à vivência da mulher e sua essência feminina. Ou seja, a autora busca trazer diversos aspectos que corroboram certa essência para as mulheres, porém, que elas não conseguem justificar o motivo de se encontrarem numa posição de subordinação aos homens, visto que estão acossadas por vários tabus.

A referida obra ainda se faz necessária, sobretudo, em nossas análises acerca das representações que as mulheres farroupilhas tiveram na minissérie, visto que a autora traz uma problematização acerca do pensamento masculino e de um modo singelo: a partir da epígrafe com pensamento de dois (homens) intelectuais que se contrapõe sobre a mulher. O primeiro pensador é Aristóteles que diz: "Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem, e há um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher", tal frase representa um reflexo do pensamento grego da época, ou seja, pensamento misógino que, inclusive, via a mulher como “um homem incompleto”, um não-homem, sendo algo negativo. O segundo é um pensador renascentista que, aliás, é o contraponto de Aristóteles, chamado François Poullain de la Barre, que diz: “Tudo o que os homens escreveram até hoje sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um só tempo, juiz e parte”. A partir dessa polêmica que a

---

<sup>37</sup> GZH LIVROS. **Marco do Feminismo, “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, completa sete décadas.** n/p. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/06/marco-do-feminismo-o-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir-completa-sete-decadas-cjx9g784a01zu01o9jff0akxz.html>. Acesso em 21/07/2022.

<sup>38</sup> Ibid, n/p.

<sup>39</sup> Ibid. n/p.

filósofa adentra questionando alguns tipos de pensamento como a biologia, a psicanálise e o materialismo.

Ao questionar a biologia, a filósofa não nega que exista uma natureza feminina diferente de uma natureza masculina, porém, não vê isso como algo suficiente que justifique a subordinação das mulheres nas sociedades. Isto é, para Simone de Beauvoir a biologia não consegue explicar o fato de as mulheres serem colocadas num posicionamento inferior aos homens ou então serem realmente inferiores aos homens.

Por fim, essa clássica obra de Simone de Beauvoir torna-se crucial para substanciar nossas análises dado ao fato de a autora elucidar sobre o que é ser mulher, colocando a mulher como uma *categoria* que existe socialmente, tal como o homem.<sup>40</sup>

A partir de Beauvoir surgiram outros intelectuais que se dispuseram a estudar o feminino e assim instigar os movimentos femininos. De acordo com Schumacher & Brazil, nos Estados Unidos, a nova etapa do feminismo surge com a ativista Betty Friedan que com sua obra *A Mística Feminina* traz novas formulações para reorganizar o movimento de mulheres<sup>41</sup>. Através dos estudos de Friednan foi possível perceber o perfil imposto à mulher: a de sedutora e submissa.

Cabe lembrar que foi nas décadas de 1960 e 1970 que houve a Segunda Onda do Feminismo, sendo um movimento social e político de importância que trouxe à tona questões de igualdade de gênero e direitos das mulheres. A Segunda Onda do Feminismo foi um período de ativismo e conscientização em massa em relação aos direitos das mulheres. Vários fatores sociais, econômicos e culturais, incluindo a urbanização e o desenvolvimento de métodos contraceptivos mais eficientes, contribuíram para o empoderamento das mulheres e para as mudanças significativas na dinâmica de gênero na sociedade.

Portanto, a Segunda Onda do Feminismo foi um período de mudanças profundas na sociedade, e a urbanização e o acesso a métodos contraceptivos eficientes desempenharam um papel crucial nesse processo. Esses fatores contribuíram para o empoderamento das mulheres e para a transformação da dinâmica de gênero, abrindo caminho para conquistas significativas em relação aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero. O legado desse período continua a influenciar as lutas feministas e a busca por igualdade nos dias de hoje.

---

<sup>40</sup> Contudo, não são duas categorias díspares, mas sim como uma categoria masculina como algo socialmente positivo e uma categoria feminina como algo socialmente nocivo. Ou seja, ser mulher é como ser um “não-homem”. Inclusive, na própria língua portuguesa usa-se o termo homem/homens para se referir a espécie humana e mulher apenas para se referir a uma singularidade da espécie do homo sapiens.

<sup>41</sup> SCHUMACHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital (org.). **Op. Cit.**, 2000. p. 229.

Com a propagação do novo pensamento feminista que permeava o mundo ocidental, despertando “inquietude social”, as mulheres ocidentais passaram a reivindicar sua própria autonomia colocando tal reivindicação no âmbito da esfera pública constituindo “uma crítica radical, simultaneamente teórica e prática, ao modelo tradicional do que é *ser mulher*”.<sup>42</sup> Tal mobilização surtiu efeito, pois ocasionou, em 1975, uma Conferência Internacional, na Cidade do México, com delegações de diversos países, inclusive, do Brasil. Devido a isso, a ONU (Organização das Nações Unidas) instituiu: o ano de 1975 como o Ano Internacional das Mulheres e os anos de 1975 a 1985 como a Década da Mulher<sup>43</sup>.

Embora, nessa conjuntura, o Brasil atravessasse um período marcado por uma grave crise democrática, devido ao regime militar, ainda assim houve algumas organizações de eventos nos quais as mulheres tiveram espaços para discutir os problemas que pairavam sobre o feminino. De acordo com Schumacher & Brazil, foi nesse período marcado por ruína da democracia brasileira que se construiu – aqui no país – novos modelos sociais, uma vez que emergiu o feminismo organizado dos anos 1970: “A nova *onda feminista*, se por um lado empenhou-se contra a ditadura militar, por outro empenhou-se também contra a supremacia masculina, a violência sexual e pelo direito ao prazer<sup>44</sup>.

Logo assim, vemos que o primeiro grupo de feministas no país foi organizado em São Paulo, em 1972, sendo composto por professoras universitárias, recém-chegadas da Europa e dos Estados Unidos. Esse pioneiro grupo era composto pelas seguintes mulheres: Maria Odila Silva Dias, Maria Malta Campos, Betty Mindlin e Célia Sampaio e Walnice Nogueira Galvão que foram as idealizadoras do grupo. E, posteriormente, a psicanalista Marta Suplicy. Após diversas conquistas nesse campo, mais tarde, “esse grupo pioneiro dissolveu-se [...] e suas integrantes incorporaram, cada uma à sua maneira, a temática de gênero”<sup>45</sup>.

Percebemos o quanto o movimento feminista foi crucial para ampliar o espectro social no Brasil ainda que sob o cerceamento da Ditadura Cível-Militar existente.

A partir da abertura política, os movimentos feministas tinham aliados em alguns partidos políticos. Contudo, não havia uma tendência política unânime, visto que existiam nas organizações feministas mulheres com inclinações políticas diversas. Conquanto, defendessem a ampliação dos direitos às mulheres e demais minorias. Apesar disso, nota-se que a partir da década de 1980 “o movimento feminista foi ganhando novos contornos e incorporando outros segmentos com realidades específicas, como os grupos de mulheres

---

<sup>42</sup> Ibid. p. 229.

<sup>43</sup> Ibid. p. 229.

<sup>44</sup> Ibid. pp. 229-233.

<sup>45</sup> Ibid. p. 233.

negras, lésbicas, trabalhadoras urbanas e rurais, prostitutas, empresárias, produtoras culturais”.<sup>46</sup> Isto é, o movimento feminista foi cada vez mais se solidificando na sociedade brasileira construindo lutas conjuntas. Contudo, de acordo com a militante feminista brasileira Schuma Schumacher<sup>47</sup> o feminismo brasileiro “ainda é relativamente desconhecido”<sup>48</sup>.

A partir das reflexões acima, vemos que durante algum tempo o movimento feminista, inclusive, no Brasil trabalhou com a categoria de modo universal, isto é, sem considerar que existiam os mais variados tipos de mulheres: mulheres negras, mulheres pobres, mulheres indígenas, mulheres asiáticas, mulheres lésbicas, mulheres trans, mulheres católicas, mulheres protestantes, etc. Ou seja, colocavam a categoria *mulher* de modo universal, o que acarretava uma série de problemas dentro do próprio movimento, pois não fazia as mulheres brancas perceberem que tinham privilégios em detrimento de outras mulheres, inclusive, que elas poderiam reproduzir opressões contra outras mulheres, mesmo antes tendo sido oprimidas.

Aliás, sob esse aspecto a minissérie *A Casa das Sete Mulheres* traz variados tipos de representações das mulheres, pois ali na obra é possível, por exemplo, identificar a mulher branca oprimindo a mulher negra e a mulher indígena, a mulher que reproduz machismo, entre outras tipificações...

Por essa razão houve a necessidade em difundir o chamado *feminismo interseccional*, conceito fomentado e articulado pelas renomadas feministas negras Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Kimberlé Crenshaw<sup>49</sup>.

Dado ao fato de a presente tese de doutoramento trazer em seu cerne a discussão e, conseqüentemente, a problemática de gênero e mulheres e, inclusive, estar alicerçada no debate da pós-modernidade será também fundamental o uso dos estudos das intelectuais: Joan Scott<sup>50</sup>, Linda Nicholson<sup>51</sup> e Judith Butler<sup>52</sup>, haja vista que às intelectuais intensificaram o debate acerca do campo de estudos feministas, sobretudo, quando se propuseram a enfrentar as incoerências das produções existentes que insistiam em imprimir aos estudos feministas a

<sup>46</sup> Ibid. p. 234.

<sup>47</sup> Maria Aparecida (Schuma) Schumacher é escritora, pesquisadora, pedagoga e militante feminista. Coordenadora da ONG Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH). Organizadora da obra *Dicionário Mulheres do Brasil* (Zahar) e autora dos livros *Mulheres negras do Brasil* (Senac) e *Mulheres no Poder – trajetórias na política a partir da luta das sufragistas* (Edições de Janeiro).

<sup>48</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão Feminista** – arte, cultura, política e universidade. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 472.

<sup>49</sup> Ibid. p. 254.

<sup>50</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1990. v 16, n.2: p 5-22.

<sup>51</sup> NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 2000. vol. 8, n.2: p. 09-41.

<sup>52</sup> BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

binaridade (masculino/feminino). Com isso às pesquisadoras produziram o chamado feminismo diferencialista, isto é, a terceira fase/onda dos estudos feministas que também recebe a denominação de “feminismo pós-moderno”<sup>53</sup>.

Em consonância a isso, vemos que “as ‘diferencialistas’ eram acusadas de ‘essencialistas’ – ou melhor, de que negaria a temporalidade ao atribuir uma ontologia primordial e imutável aos produtos históricos da ação humana”, ou seja, “seria o sexo – no caso do genital – que portavam o que promoveria a diferença em relação aos homens, e que lhes dava a identidade para as lutas contra a subordinação”<sup>54</sup>.

Segundo a historiadora brasileira e especialista em estudos feministas Joana Maria Pedro, em seu texto *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*<sup>55</sup>, as diferencialistas “diziam que o fato de portarem um mesmo corpo que tem menstruação, que engravida, amamenta e é considerado menos forte, fazia com que fossem alvos das mesmas violências e submissão”<sup>56</sup>. E “as igualitaristas reivindicavam que as mulheres participassem em igualdade de condições com os homens na esfera pública”<sup>57</sup>.

A partir do texto de Joana Maria Pedro é possível compreender que, na França, as diferencialistas e as igualitaristas tanto conviveram juntas quanto se posicionaram, afinal havia um campo a ser disputado.

Outro texto considerável para corroborar nossas análises e reflexões é o ensaio *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de autoria de Joan Scott, basta ver que é uma peça seminal na teoria e análise de gênero e tem sido influente em diversas disciplinas, incluindo a história e os estudos sociais. A análise desse estudo é fundamental para entender a perspectiva de Scott sobre o gênero como uma categoria de análise histórica.

A autora argumenta que o gênero deve ser visto como uma categoria analítica central para a compreensão das relações sociais e políticas ao longo da história e defende que o gênero não é apenas uma característica individual, mas uma construção social que molda as experiências e as identidades das pessoas.

O estudo de Scott é ainda relevante, pois destaca a diferença entre a "história das mulheres" e a "história de gênero". Enquanto a primeira se concentra apenas nas experiências das mulheres, a segunda considera o gênero como uma categoria que afeta todas as pessoas,

<sup>53</sup> SCAVONE, Lucila. Estudos de Gênero: uma sociologia feminista?. In: **Estudos Feministas**. vol. 16. n.1: p.173-185, 2008. jan-abr. p. 177.

<sup>54</sup> PEDRO, Joana Maria. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa. In: **História** [online]. vol 24, n 1: p. 81.

<sup>55</sup> Texto basilar para compreender a historicização das categorias *mulher, mulheres, gênero e sexo*, a partir do diálogo com os movimentos sociais. A historiadora traduz o debate quanto o devido uso da categoria gênero.

<sup>56</sup> Ibid. p. 81.

<sup>57</sup> Ibid. p. 81.

isto é, a história de gênero oferece uma perspectiva mais ampla e complexa das relações de poder e das normas sociais.

Logo assim, o gênero não é apenas uma característica pessoal, mas uma forma fundamental de organizar as relações de poder na sociedade, uma vez que o gênero está intrinsecamente ligado às hierarquias sociais e políticas e deve ser analisado em conjunto com outras categorias, como classe e raça, por exemplo.

Posto isso, é possível escrever uma história das mulheres sobre a abordagem de gênero, mas não necessariamente essa narrativa histórica terá uma abordagem de gênero, afinal quando escrevemos sobre mulheres não estamos necessariamente utilizando a categoria *gênero*. Do mesmo modo, é possível escrever uma discussão usando a categoria gênero sem falar das mulheres.

Scott também critica a ideia de que a história e a política são neutras em relação ao gênero. Ela argumenta que a neutralidade de gênero muitas vezes encobre as desigualdades existentes. Sendo assim, a autora incentiva os historiadores e pesquisadores a serem conscientes das formas pelas quais o gênero está implícito nas narrativas históricas e políticas. E embora Scott não utilize o termo "interseccionalidade" da forma como é usado atualmente, suas análises antecipam a importância de considerar como o gênero se interliga com outras categorias de identidade.

A autora problematiza os principais avanços teóricos (noção de poder e historicidade) nas pesquisas que envolvem gênero. Aliás, Scott esclarece *gênero* enquanto temática que substitui a categoria *mulheres*. A autora também analisa três enfoques teóricos: patriarcado, marxismo e psicanálise.

De acordo com Scott para analisar gênero o pesquisador não deve se atear somente em sua origem para a compreensão da oposição binária masculino/feminino, mas em todo o processo histórico, isto é, tudo que envolve a produção/reprodução que se opõe a binaridade. Scott, ainda, faz uma análise do campo político na qual evidencia o símbolo e a linguagem nas relações sociais.

A respeito das representações de gênero no campo político, a autora ressalta que “ele se refere à oposição: masculino-feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido”.<sup>58</sup> Portanto, para que haja proteção do poder político deve haver um referente “fora de toda construção humana [...] e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema

---

<sup>58</sup> SCOTT, Joan Wallach. **op. cit.** 1990, p. 18.

inteiro”.<sup>59</sup> Assim, fica evidente que Scott contempla os diversos campos no tocante à representação masculino/feminino.

Outro texto que nos dará subsídios para analisar a representação das mulheres farroupilhas a partir da minissérie *A Casa das Sete Mulheres* será: *Interpretando o Gênero*, de Linda Nicholson, justamente, por ser um importante trabalho na teoria de gênero e na história das ideias feministas.

Nicholson questiona a ideia de que a história, a filosofia e outras disciplinas acadêmicas são neutras em relação ao gênero. Ela argumenta que o gênero está profundamente enraizado em todas as áreas do conhecimento e influencia como vemos o mundo. A autora enfatiza que a visão de que o gênero é uma construção social, ou seja, uma categoria criada pela sociedade para classificar e controlar as pessoas com base em suas identidades de gênero.

Nessa pesquisa, o estudo de Nicholson é necessário, uma vez que destaca que o gênero pode ser interpretado de diferentes maneiras em diferentes contextos e períodos históricos. Ela argumenta que a definição de gênero está em constante mudança e é moldada por fatores culturais, políticos e sociais. Em seu estudo, também, é abordado o avanço das ideias feministas ao longo do tempo e como as teorias de gênero têm se desenvolvido em resposta às mudanças sociais e políticas.

Nicholson critica também o essencialismo de gênero, que é a ideia de que as diferenças de gênero são inatas e biológicas. Ela argumenta que o essencialismo reforça estereótipos de gênero prejudiciais. O texto torna-se ainda essencial como ferramenta para nossa análise das mulheres farroupilhas, visto que enfatiza a importância da teoria de gênero como uma ferramenta crítica para analisar e desafiar as normas de gênero e as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade.

Em seu estudo, Nicholson faz uma provocação às feministas diferencialistas e argumenta sobre a definição que distingue gênero e sexo como algo pertencente às feministas. A partir da análise de Nicholson também fica possível compreender o corpo biológico como algo que está arraigado socialmente numa cultura.

Segundo a autora, não foi à biologia o elemento decisivo para a construção do gênero, pois a ideia do relacionamento entre a biologia e a socialização é algo que pode ser visto como “uma espécie de noção ‘porta casacos’ da identidade: o corpo é visto como um tipo de cabide de pé no qual são jogados diferentes artefatos culturais especificamente os relativos à

---

<sup>59</sup> Ibid, p. 18.

personalidade e comportamento”<sup>60</sup>. Nicholson rotula “essa noção de relacionamento entre corpo, personalidade e comportamento de ‘fundacionalismo biológico’”<sup>61</sup>.

Na definição da autora, é preciso abandonar tanto o determinismo biológico quanto o fundacionalismo biológico, ela nos diz o seguinte: “Defendo que a população humana difere, dentro de si mesma, não só em termos das expectativas sociais sobre como pensamos, sentimos e agimos; há também diferenças nos modos como entendemos o corpo”<sup>62</sup>. Nicholson faz uma problematização do corpo biológico e a maneira que ele é compreendido historicamente e provoca o pensamento do corpo como uma variante. Ao analisar os argumentos das feministas diferencialistas, a autora nos mostra – assim como Joan Scott – como é arriscada fazer uma generalização das mulheres a partir de teorias, isto é, sem levar em consideração os contextos sociais e pensar no corpo biológico fora da cultura como se fosse algo sem história. Posto isso, não podemos pensar o gênero como algo dependente do sexo biológico.

Como dito anteriormente, a filósofa Judith Butler também será primordial na presente pesquisa, visto que ela – tal como Linda Nicholson – evidencia o quão problemático é trazer definições prontas sobre mulheres e gêneros, o que na visão da autora soa como algo extremamente autoritário e que reforça a questão binária, algo que ela aponta como algo de matriz heterossexual.

Para Judith Butler<sup>63</sup>, o feminismo é um movimento que sempre se transforma. Uma das contribuições mais conhecidas de Butler é a noção de que o gênero não é uma identidade fixa, mas sim uma performance. Ela argumenta que as identidades de gênero são construídas por meio de ações repetidas e rituais culturais, e não são inerentemente ligadas ao corpo. E não há como definir apenas uma base (ou uma base universal) sobre a categoria *mulheres*<sup>64</sup>.

---

<sup>60</sup> NICHOLSON, Linda. *op. cit.* 2000, p. 12.

<sup>61</sup> *Ibid.* p. 12.

<sup>62</sup> *Ibid.* p. 14.

<sup>63</sup> Judith Butler é uma teórica de gênero e feminismo amplamente reconhecida por suas contribuições à teoria queer e aos estudos de gênero. Butler também é associada à teoria queer, que desafia as categorias tradicionais de identidade de gênero e sexualidade. Ela argumenta que a norma heterossexual é imposta pela sociedade e que a diversidade de experiências de gênero e sexualidade deve ser reconhecida e respeitada. Seu trabalho tem influenciado significativamente o campo do feminismo. As ideias de Butler têm tido um impacto significativo no ativismo e na política LGBTQ+ e feminista. Sua teoria fornece uma base intelectual para a luta pelos direitos das pessoas não conformes com o gênero e pela igualdade de gênero. Pode-se dizer que desafiou e redefiniu muitas das concepções tradicionais sobre gênero e identidade, influenciando o feminismo contemporâneo e os estudos de gênero. Suas ideias enfatizam a importância da desconstrução das normas de gênero, da inclusão de diversas experiências e da resistência contra formas de opressão de gênero.

[Informações obtidas em: < <https://projecolabora.com.br/ods5/razoes-para-entender-judith-butler/>>. Acesso em 19/10/2023.

<sup>64</sup> BUTLER, Judith. *op. cit.* 2003, p. 21.

Butler critica as normas de gênero tradicionais, questionando a ideia de que existe apenas uma maneira "certa" de ser homem ou mulher. Ela promove a desconstrução das categorias binárias de gênero, abrindo espaço para a diversidade de identidades de gênero. Na concepção de Butler<sup>65</sup> o uso da categoria (polissêmica) *mulher* é mais adequado quando está inserido numa reivindicação política. E a categoria *gênero* é histórica, uma vez que perpassa por ressignificações contestáveis.

A autora também é fundamental em nosso estudo, pois examina profundamente as questões de poder e subjugação no que diz respeito ao gênero. Ela argumenta que as normas de gênero são usadas para manter hierarquias de poder e que a desconstrução dessas normas é uma forma de resistência.

Além das autoras mencionadas acima, faremos uso de outras intelectuais como, por exemplo, Bell Hooks para trabalhar com a perspectiva pós-moderna<sup>66</sup> e assim situarmos a problemática da tese. Bell Hooks<sup>67</sup> é uma das vozes proeminentes na teoria feminista negra, que se concentra nas experiências únicas das mulheres negras e em como o racismo e o sexismo se entrelaçam em suas vidas. Ela defende uma abordagem interseccional que reconhece que as identidades e experiências das mulheres são moldadas por uma combinação complexa de fatores, incluindo gênero, raça, classe social, sexualidade e outros.

Posto isso, os estudos de Hooks será fundamental para nossa análise, pois a autora desempenhou um papel vital na expansão da teoria feminista para incluir uma perspectiva interseccional que reconhece as complexidades das identidades de gênero, raça e classe. Seu trabalho tem sido essencial para promover uma compreensão mais abrangente das experiências das mulheres e para construir um feminismo mais inclusivo e socialmente consciente.

As estudiosas, supracitadas, serão fundamentais para elucidar as questões contemporâneas que perpassam imbuídas no enredo da minissérie *A Casa das Sete Mulheres*,

---

<sup>65</sup> BUTLER, Judith. O feminismo e a questão da Pós-modernidade. In: **Cadernos Pagu**. 1998. n.11: p.11- 42.

<sup>66</sup> HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Palavras Negras, 2019.

<sup>67</sup> Hooks critica a teoria feminista tradicional por ser frequentemente centrada em mulheres brancas de classe média, negligenciando as experiências e perspectivas das mulheres de cor e das classes sociais menos privilegiadas. A ativista também é conhecida por seu trabalho na área da educação. Ela destaca a importância da educação como um meio de capacitar as pessoas e de questionar as estruturas de poder. Uma característica distintiva do trabalho de Bell Hooks é sua linguagem acessível. Ela escreve de maneira acessível ao público em geral, buscando tornar as questões feministas e interseccionais compreensíveis e relevantes para um público amplo. Hooks enfatiza a importância do diálogo construtivo e da compreensão entre diferentes grupos, especialmente entre feministas negras e brancas. Ela acredita que o diálogo é essencial para a construção de uma coalizão feminista eficaz. Além de sua contribuição teórica, Bell Hooks também está envolvida em ativismo social, usando sua teoria para informar a ação social e política. (HOOKS, 2019).

haja vista que os roteiristas da minissérie não têm nenhum compromisso com a produção historiográfica. Além de outros estudiosos que serão incorporados à pesquisa na medida em que se tornarem necessários.

Dentro da contribuição da historiografia, sabemos que “para escrever a história são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade [ainda maior] quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos”<sup>68</sup>. Entretanto, a presente pesquisa assume tal empreitada, especialmente, porque, embora, “o historiador só pode trabalhar com documentos que existem: não pode inventá-los, mas pode re-inventá-los, lê-los com novos olhos”<sup>69</sup>.

Por se tratar de uma fonte audiovisual, em nosso caso a minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, é também plausível para essa pesquisa os estudos de Marcos Napolitano<sup>70</sup> que, talvez, por ter sido um dos precursores no campo historiográfico em utilizar fontes audiovisuais – garante que toda obra audiovisual, sobretudo, as que acarretam representação, como, no caso da minissérie *A Casa das Sete Mulheres* – pode ser utilizada de documento histórico da época que foi produzida. Isto é, nos primeiros anos do século XXI.

Devemos considerar ainda que a minissérie *A Casa das Sete Mulheres* até o presente momento não esteve como objeto principal em pesquisas desenvolvidas por historiadores embora já tenha ocorrido pesquisa semelhante na área envolvendo a relação minissérie e fatos históricos como, por exemplo, a dissertação de mestrado *O Processo de Produção em Minisséries Históricas: o passado romantizado*<sup>71</sup>, de Maria Ângela Raus, desenvolvida, em 2006, no Programa de Pós-Graduação em História Social, da USP, que se deteve no uso das minisséries *A Muralha* e *Um Só Coração* como fontes.

Ademais, como já foi dito anteriormente, as pesquisas sobre a minissérie ou o livro<sup>72</sup> de Letícia Wierzchowski estão alocadas nos programas de Literatura, Linguística e

<sup>68</sup> PERROT, *op. cit.* 2007, p. 21.

<sup>69</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **Os Desclassificados do Ouro**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. pp. 15-16.

<sup>70</sup> NAPOLITANO, Marcos. *Fontes audiovisuais: a história depois do papel*. In: PINSKY, Carla B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 67.

<sup>71</sup> Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-112619/publico/TESE\\_MARIA\\_ANGELA\\_RAUS.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-06072007-112619/publico/TESE_MARIA_ANGELA_RAUS.pdf). Acesso em 15/10/2022.

<sup>72</sup> *A Casa das Sete Mulheres* é um romance histórico brasileiro escrito por Letícia Wierzchowski e publicado em 2002, pela Editora Record. A história é baseada em eventos reais e é ambientada no século XIX, durante a Revolução Farroupilha no sul do Brasil. A trama gira em torno da família de Bento Gonçalves, que vive em uma fazenda no Rio Grande do Sul, a Estância da Barra. Quando o conflito da Revolução Farroupilha começa, sete mulheres da família são deixadas para trás enquanto os homens da família se juntam à luta. As mulheres se veem em uma situação desafiadora, tendo que lidar com a ausência dos homens e a necessidade de administrar a fazenda e proteger suas vidas em um ambiente de guerra. Cada uma das sete mulheres tem personalidades distintas e enfrenta desafios próprios durante o conflito. O romance explora temas como a força feminina, a resiliência, a luta pela sobrevivência e os laços familiares. Além disso, o livro também apresenta personagens históricos e figuras notáveis da Revolução Farroupilha, misturando elementos de ficção e história.

Comunicação e dentre essas pesquisas nenhuma acopla o protagonismo das mulheres durante a Revolução Farroupilha. Portanto, embora se trate de uma pesquisa que seja desenvolvida no campo da história, o objeto em si, inscreve-se numa dimensão interdisciplinar, basta ver que dialoga com diversas áreas, dentre elas, a literatura brasileira, a comunicação, a sociologia e a antropologia, o que significa demarcar escolhas teóricas e historiográficas que permitam – de modo geral – avançar os estudos do feminino.

Além disso, essa tese traz novos dados que serão incorporados às informações já existentes sobre o tema e que poderão ser analisados sob outra ótica e servir como ferramenta para futuros estudos acerca da temática em questão.

Dentro da contribuição das obras específicas sobre minisséries brasileiras, temos, em especial, a obra *Livros e Televisão: correlações*, de Sandra Reimão<sup>73</sup> que dedica suas pesquisas ao estudo da intrínseca relação entre livros e televisão. Essa obra nos possibilitará um melhor aprofundamento de aspectos da nossa análise, uma vez que Reimão traz em seus estudos uma análise profícua sobre as adaptações das minisséries brasileiras. A partir dessa obra é possível compreender o motivo pelo qual as minisséries são os produtos preferidos dos autores e ideais do ponto de vista dos produtores para ganharem adaptações de textos literários. Não obstante, nessa obra fica esclarecido que as minisséries advindas de adaptações literárias como *A Casa das Sete Mulheres* possuem a função “de atuarem como forma de legitimação do veículo TV no conjunto das produções culturais nacionais, no sistema cultural brasileiro como um todo, um sistema que, cada vez mais, gravita em torno desse meio”.<sup>74</sup>

A autora em questão será importante para esta pesquisa também por trazer outros estudos circunscritos dentro dessa temática como, por exemplo, um painel das adaptações literárias na história da teledramaturgia brasileira; o aumento do número de vendas de exemplares de livros que tiveram adaptações televisivas; a representação do livro nos meios de comunicação e as diferenças que o texto literário passa quando é adaptado para a televisão.

Como trabalharemos com adaptação se fará necessário o uso dos preceitos da pesquisadora canadense Linda Hutcheon que possui diversos estudos sobre a teoria da adaptação e sua relação com o pós-modernismo<sup>75</sup>. A partir da obra de Hutcheon é possível compreender os meandros da adaptação, principalmente, quando está atrelada a um meio complexo como a televisão. Além do que a autora nos mostra como ocorre o coletivo

---

<sup>73</sup> REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão: correlações**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

<sup>74</sup> Ibid. p. 29-30.

<sup>75</sup> Corrente de pensamento que surgiu nas últimas décadas do século XX e que teve impacto significativo nas áreas da literatura, filosofia, arte e cultura em geral.

processo da adaptação, haja vista a inclusão de autores, roteirista, atores, diretores, entre outros profissionais.

Também, iremos recorrer aos estudos<sup>76</sup> de Andreas Huyssen para pensarmos a questão da pós-modernidade, visto que a minissérie foi produzida em 2003, isto é, num contexto pós-modernista que também teve reflexo na programação televisiva, visto que nesse período foram realizadas várias minisséries que buscavam abordar o passado heroico/histórico da História do Brasil. Além do que a minissérie *A Casa das Sete Mulheres* demonstra ser um produto de arte-crítica e conforme afirma Huyssen: “A noção de obra de arte como crítica realmente constitui uma das mais inteligentes condenações do pós-modernismo, acusado de ter abandonado a postura crítica caracterizada do modernismo”<sup>77</sup>. Inclusive, para Andreas Huyssen essa função crítica do modernismo é uma das condenações do pós-modernismo. Além do que a minissérie é um produto pós-modernista, visto que é mais uma dominante cultural do que um estilo de época ou artístico, o que a torna mais híbrida e plural.

Deve-se levar em consideração que, neste estudo, estamos lidando com a complexidade da multitemporalidade<sup>78</sup>, seguindo a abordagem de Koselleck (2003). O autor conceitua a multitemporalidade como a habilidade de analisar informações, eventos ou dados de diferentes épocas ou períodos simultaneamente, o que é uma ferramenta crucial em várias disciplinas para a análise de séries temporais, entre outras aplicações.

Nesse contexto, as obras *Futuro Passado: Contribuições à Semântica dos Tempos Históricos* e *Estratos do Tempo: Estudos sobre História*<sup>79</sup> de Reinhart Koselleck, um historiador alemão, desempenham um papel fundamental. Elas nos auxiliam a explorar as múltiplas temporalidades que permeiam nossa pesquisa e a adotar uma perspectiva que nos permite analisar o passado com as lentes do presente.

Esse conceito ajuda a entender que temos tempos distintos nessa pesquisa: a) O tempo do acontecimento (quando ocorreu a Revolução Farroupilha): 1835-1845; b) O tempo da obra literária: 2002<sup>80</sup>; c) O tempo da adaptação televisiva: 2003; d) O tempo da análise do produto: 2023.

<sup>76</sup> HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o Pós-Moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pós-Modernismo e Política**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

<sup>77</sup> Ibid. p. 21.

<sup>78</sup> A ideia fundamental da multitemporalidade é a de que os fenômenos e os dados podem variar ao longo do tempo e que essa variação temporal é uma dimensão importante a ser considerada para uma compreensão completa e precisa. Cf. KOSELLECK, 2003.

<sup>79</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

<sup>80</sup> Embora tenha sido publicada em 2002 não quer dizer que a autora do romance histórico escreveu naquele ano sua narrativa, afinal o tempo da escrita independe do tempo da publicação.

Ou seja, há temporalidades diversas e isso fica perceptível, posteriormente, nas entrevistas com os entrevistados, sobretudo, quando alegam que não se lembram, porque já se passaram duas décadas do trabalho televisivo, ou seja, os narradores apresentam consciência desse tempo passado.

Posto isso, sabemos que uma minissérie não tem a responsabilidade de se tornar um protótipo da realidade de uma determinada época. Contudo, esse instrumento artístico pode se tornar perfeitamente uma forma documental para entendermos uma determinada época ou contexto histórico, tal como aponta os estudos de Howard S. Becker, no ensaio denominado *Falando da Sociedade* em que o sociólogo americano aponta que não podemos dizer que tudo que essas obras artísticas – e seus autores – trazem são puramente “análise social” ou que esses produtos culturais é apenas sociologia envolta em um disfarce artístico, afinal seus autores – ao conceberem tais produtos – possuem objetivos que vão além da análise social, afinal essas obras de arte trazem conteúdos sociológicos que ao serem confrontados com as crenças do público trazem verdades sobre as sociedades<sup>81</sup>.

Na medida em que foi necessário, recorremo-nos a outros intelectuais que apresentam estudos colaborativos sob essa temática, justamente, para obtermos uma melhor compreensão de como os produtos midiáticos vão além da alcunha de lixo televisivo<sup>82</sup>, ou seja, mas como produtos que atribua valores de qualidade à televisão<sup>83</sup>.

Cabe informar ainda que tivemos como fonte de pesquisa, a sinopse original da minissérie em questão, isto é, aquela produzida pelos roteiristas antes do projeto começar a ser executado pela TV Globo. O documento em questão foi essencial para analisarmos a construção e os diálogos entre as personagens ao lado de todas as cenas que caracterizam as expressões e ações que possuem elementos sociais significativos no processo de representação da problemática da representação emancipada da feminilidade no contexto da Revolução Farroupilha.

A partir dessa análise, foi possível identificar e registrar os significados remetidos pelos autores a esse respeito. Nessa mesma direção, também foram utilizados como fonte os roteiros dos capítulos da minissérie que assim como a sinopse estão alocados no Centro de Documentação da TV Globo, o CEDOC. Esses roteiros revelam informações sobre a dinâmica operacional da emissora.

---

<sup>81</sup> BECKER, Howard S. *Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 21.

<sup>82</sup> MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2001.

<sup>83</sup> BORGES, Gabriela e REIA-BAPTISTA, Vítor. (Orgs.). *Discursos e práticas de qualidade na televisão*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

Especialmente, para essa investigação, produzimos fontes orais. Usamos a metodologia da História Oral Temática fizemos entrevistas<sup>84</sup> com os autores-roteiristas da minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, tais, a saber: Maria Adelaide Amaral<sup>85</sup>, Vincent Villari<sup>86</sup> e Lúcio Manfredi<sup>87</sup>; além da romancista da obra literária, a autora Letícia Wierzchowski<sup>88</sup>. O relato desses sujeitos é essencial, haja vista que recupera não apenas o produto (a minissérie como um todo) como ainda traz o que seus produtores pensam que fizeram a partir do resultado da obra.

Os critérios utilizados para chegar a esse grupo de entrevistados é o fato deles serem peças fundamentais para a criação dessa minissérie, afinal são os roteiristas [e a escritora da obra original] os idealizadores (e criadores) desses personagens ficcionais, inclusive, também são esses profissionais que atribuem às significações essenciais do que é representado na obra. Intencionamos, ainda, entrevistar a pesquisadora de texto<sup>89</sup> Carmem Righetto<sup>90</sup>, porém, não foi possível dado o atual estágio de saúde<sup>91</sup> da profissional.

Essa diversidade de narradores que, aliás, estiveram intrinsecamente envolvidos na escrita da minissérie proporcionou a observação de múltiplas visões sobre um determinado ponto: a representação do feminino n' *A Casa das Sete Mulheres*. Em geral, os colaboradores trouxeram inúmeras contribuições à investigação. Expuseram de maneira solidária suas histórias de vida, compartilharam suas trajetórias profissionais revelando seus anseios, suas

---

<sup>84</sup> As entrevistas foram realizadas em São Paulo (SP) entre os dias 30/08/2022 e 03/09/2022. Nelas, os três roteiristas rememoraram as leituras e interpretações que tiveram da minissérie a partir do tempo presente. Foi agendado também uma entrevista com o autor Walther Negrão (co-autor na minissérie) que, prontamente, aceitou. Contudo, no dia da gravação alegou indisposição, marcamos por mais duas vezes e, novamente, não obtivemos sucesso.

<sup>85</sup> Maria Adelaide Almeida Santos do Amaral é natural do Porto, em Portugal. Tem 80 anos. É uma autora, escritora, dramaturga e roteirista luso-brasileira. Chegou ao Brasil em 1954, aos 12 anos, e desde então vive em São Paulo.

<sup>86</sup> Vincent Christian Villari é natural de São Paulo. Tem 44 anos. Formado em Comunicação Social pela Cásper Líbero, é escritor de diversos livros e, também, autor de telenovelas e minisséries. Ingressou na TV Globo, aos 16 anos, através da Oficina de Autores promovida pela emissora.

<sup>87</sup> Lúcio Jorge Pina Manfredi é natural de São Paulo. Tem 52 anos. É escritor desde os 9 anos. cursou Filosofia pela USP, mas não chegou a concluir o curso, pois ingressou na Oficina de Autores da TV Globo.

<sup>88</sup> Nascida em Porto Alegre, Letícia Wierzchowski é escritora, palestrante e roteirista. Começou a escrever aos 25 anos, após desistir de cursar Arquitetura. Autora do romance histórico *A Casa das Sete Mulheres*, publicado em 2002, pela Editora Record. Também, publicou os romances *O Anjo e o resto de nós* e *O Pintor que escrevia..*

<sup>89</sup> É o profissional – dentro da equipe de roteiristas – que fica encarregado em fazer as pesquisas históricas para embasar os roteiristas na escrita dos diálogos e cenas.

<sup>90</sup> Foi jornalista na Editora Abril e pesquisadora de texto na Globo. Como pesquisadora integrou as equipes de roteiristas das minisséries *A Casa das Sete Mulheres* (2003) e *Queridos Amigos* (2008); da série *Tudo Novo de Novo* (2009) e da telenovela *Sangue Bom* (2013).

<sup>91</sup> Em contato com o filho da pesquisadora, o ator e escritor Juliano Righetto, foi dito que a profissional está com problemas de memória e por isso impossibilitada de atender nosso pedido de entrevista. Ao ser questionado como Carmen desenvolvia seu trabalho de pesquisa, Juliano nos disse o seguinte: “Quanto ao método de pesquisa da minha mãe, ela é da “velha guarda”, fazia tudo por telefone ou pessoalmente. Sei que ela conversou muito com a autora do livro “A Casa das Sete Mulheres” e com alguns historiadores. Mas infelizmente não tenho outras informações”. [Declaração concedida via e-mail em 28/10/2020].

dificuldades e dilemas diante da escrita de um produto mercadológico dessa envergadura. Por conseguinte, ainda explanaram suas respectivas visões sobre a representação das mulheres nessa minissérie brasileira.

Assim sendo, é possível compreender a minissérie como uma maneira de decifrar a sociedade. Logo assim, para as representações que *A Casa das Sete Mulheres* trouxe das mulheres farroupilhas foi necessário refletir além da obra em específico, isto é, o que veio antes: a teledramaturgia brasileira com todas as suas transformações e o contexto histórico em que a obra foi exibida pela televisão.

Isso posto, o resultado deste estudo está materializado em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado *A adaptação do romance histórico A Casa das Sete Mulheres na teledramaturgia brasileira* é feita uma explicitação acerca do surgimento do gênero televisivo *minissérie* e como esse formato se desenvolveu e se solidificou na televisão brasileira, afinal faz mais de 40 anos que a TV Globo produz esse formato. Ainda, salientamos a diferenciação desse tipo de produto, afinal – diferentemente da telenovela – a minissérie traz consigo uma estética mais delineada, o que resulta num produto audiovisual de melhor acabamento e que causa mais engajamento dentro da própria TV Globo. E, ainda, é feita uma análise da representação do feminino que a minissérie que investigamos trouxe em seu cerne.

No segundo capítulo, denominado *O Intento de Pós-Modernidade na adaptação e representação das mulheres farroupilhas na minissérie A Casa das Sete Mulheres* é problematizada as imagens da minissérie e, conseqüentemente, é analisado o modo que a minissérie em questão – e outras produções de teledramaturgia – estão demarcadas na esfera da pós-modernidade.

Ademais, nesse capítulo, ainda é tratado o debate denso que paira sobre o período histórico da pós-modernidade, ocorrido a partir da década de 1990. E como isso reverberou nas produções da teledramaturgia brasileira, em especial, na minissérie *A Casa das Sete Mulheres*.

O capítulo seguinte, denominado *As Mulheres na narrativa oral dos produtores da minissérie 'A Casa das Sete Mulheres' 20 anos depois: memória, representações e significados* analisa o conteúdo da minissérie propriamente dito, isto é, os contrapontos identificados a partir do que foi feito na minissérie, enquanto objeto final e problematiza as concepções de seus criadores diante da obra, isso numa temporalidade que perpassa duas décadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a emancipação feminina é antes de tudo travar uma luta pela equiparidade de gêneros. Embora a igualdade de gênero seja um objetivo importante e amplamente reconhecido nas sociedades modernas, a afirmação de que ainda faltam cerca de 300 anos para alcançar a equiparidade de gêneros deve ser avaliada no contexto das projeções e pesquisas específicas realizadas pela ONU ou por outras organizações relevantes.

É importante ressaltar que o progresso em direção à igualdade de gênero varia significativamente de país para país e de região para região, e as estimativas podem ser baseadas em diversas métricas, como a representação política, a igualdade de salários, a educação, entre outros fatores.

Além disso, é crucial lembrar que as estimativas sobre a igualdade de gênero são suscetíveis a mudanças ao longo do tempo, dependendo das políticas, ações e movimentos sociais que ocorrem em todo o mundo. Muitos esforços estão sendo feitos em todo o mundo para acelerar o progresso em direção à igualdade de gênero, e o tempo necessário para atingir essa igualdade pode ser encurtado ou prolongado com base nessas ações.

Além disso, é fundamental reconhecer que a igualdade de gênero é um objetivo coletivo que requer esforços contínuos em níveis global, nacional e local. Nesse sentido, acreditamos que demos nossa contribuição para uma pauta de espectro amplo ao trazer tal temática para a academia.

Não obstante, tendo em vista o grau de densidade/complexidade do presente estudo multitemporal é evidente que há lacunas a serem preenchidas, em estudos futuros que decorreram dessa tese de doutoramento (tanto por esse pesquisador quanto por outros que se influenciarão – ou não – pelo presente estudo).

Cabe lembrar que embora essa tese tenha tido o suporte de vital significação de uma orientadora/pesquisadora mulher ela foi, maiormente, produzida por um homem que não deve se enquadrar no lugar de fala de uma mulher, mas como humanista que coloca o valor e a dignidade da pessoa humana no centro de suas preocupações. E que, sobretudo, enfatiza a importância da compreensão, empatia e promoção do bem-estar humano, bem como o desenvolvimento do potencial humano em todas as suas dimensões possui todas as prerrogativas para discutir esse tema tão problemático e complexo, mas também tão vital de ser amplamente debatido, inclusive, por homens.

No que tange ao nosso objeto histórico, a minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, vimos ao longo desse estudo que a mesma trouxe representações fortes do feminino, uma vez que as personagens femininas destoam do contexto em que a obra é ambientada, isto é, no século XIX, pois são mulheres ativas socialmente, impetuosas, com muita coragem e, sobretudo, conscientes da realidade em que estão inseridas. Ou seja, buscamos evidenciar o tipo de proposta que está colocada na minissérie entre uma percepção contemporânea sobre o feminismo e a perspectiva de gênero que aparece na literatura.

Com isso desvelamos como a ficção (minissérie) respaldada numa obra literária (romance histórico) teve a pretensão de ser uma minissérie histórica, ou seja, de trazer uma estória tal qual a História.

Logo assim, buscamos recuperar o conhecimento histórico para fazer um contraponto para evidenciar que nem a ficção e nem a obra literária deram conta do acontecimento histórico – em sentido macro –, visto que nenhuma das duas optou por ter essa perspectiva histórica/historiográfica. Afinal os roteiristas não estão escrevendo a História da Revolução Farroupilha ou a História das Mulheres na Revolução Farroupilha, mas sim uma narrativa ficcional inserida no contexto histórico da Revolução Farroupilha. Inclusive, os próprios roteiristas da minissérie: Maria Adelaide Amaral, Vincent Villari e Lúcio Manfredi – ressaltam sobre isso em variados e distintos momentos de suas falas/memórias.

Com esse intuito, tanto a minissérie quanto a obra literária de Letícia Wierzchowski fizeram pesquisas históricas para chegar a compreender questões colocadas nas respectivas obras ficcionais. Porém, cabe lembrar a todo o momento que nenhuma das duas é uma obra historiográfica, afinal tanto o livro *A Casa das Sete Mulheres* quanto à minissérie homônima não tiveram a preocupação em produzir a realidade, mas sim uma representação numa obra audiovisual de ficção.

O que comprova tal constatação é que a minissérie não quis se manter fiel a obra literária, visto que tinha outros objetivos como passar para o telespectador uma visão diferenciada daquelas pessoas e para isso utilizando de recursos tecnológicos e audiovisuais sobre aquele mesmo fenômeno (Revolução Farroupilha) que não é o mesmo da obra literária que foi escrita. O mesmo ocorre com o livro que originou a minissérie, pois embora seja uma literatura histórica não tem o compromisso em recuperar e produzir uma peça historiográfica, porque não é dessa área específica.

Ficou ainda perceptível que as fontes orais produzidas, exclusivamente, para essa pesquisa não forneceram informações em estado burilado, ou seja, coube-nos interpretar e ressignificar os depoimentos para assim construirmos nossa análise. E como toda análise, essa

aqui edificada, não é (e nem pode ser) considerada uma verdade inequívoca, afinal são apenas interpretações do que enxergamos sobre os fatos narrados que, obviamente, podem ser falhos.

Pode-se dizer, a partir de nossa leitura sobre a obra audiovisual e literária quando confrontada com a historiografia e com os depoimentos orais construídos para esse estudo que os roteiristas foram influenciados pelos ideais feministas, decorrentes da onda pós-modernista, que perpassavam a sociedade brasileira no início desse século e, de modo genuíno, sem perceberem transportam isso para suas escritas teledramatúrgicas.

Inclusive, é justamente por essa influência pueril pelo qual acreditamos que a equipe de roteiristas foram acometidos que até hoje, isto é, duas décadas depois não se deram conta de que a necessidade da teledramaturgia que tanto falam em seus depoimentos nada mais era do que o simulacro da sociedade brasileira, cujos integrantes clamavam por assistir suas próprias interconexões projetadas entre o mundo real e o ficcional.

Além do que diversos estudos científicos, principalmente, das áreas da comunicação social e dos estudos literários demonstraram que o tempo histórico do escritor esta intrinsicamente arraigado em suas obras, sobretudo, num produto mercadológico como uma minissérie que necessita atender demandas de consumo e aderir a práticas culturais da sociedade que a consome. Portanto, o tempo do autor influi – positivamente ou não – na narrativa que esse escreve tal como se fosse uma semiótica que aponta para uma construção social.

Logo assim, a contribuição desta pesquisa ocorre na medida em que, numa sociedade plural como a brasileira, é necessário haver cada vez mais, principalmente na academia, estudos que tratem de questões de gênero e sexualidade, mesmo sendo algo trabalhoso para o pesquisador, dada à complexidade e polêmica que carrega a temática.

Por fim, pudemos observar também que a minissérie ao optar por uma representação com viés de empoderamento/emancipação das mulheres farroupilhas deu voz a estas e atrelado a um contexto histórico masculino como a Revolução Farroupilha, conseqüentemente, possibilitou inovações no campo da teledramaturgia, haja vista que esse evento histórico sempre foi representado tradicionalmente sob a ótica dos homens. Ou seja, a minissérie assume uma posição crítica e contemporânea sobre um fenômeno histórico transcorrido num período (século XIX) onde as mulheres ficavam a margem do masculino/patriarcado.

Assim sendo, a partir deste estudo, conseguimos concluir que as transformações pelas quais passaram as representações das mulheres farroupilhas em *A Casa das Sete Mulheres*

demonstram que a luta por reconhecimento social e por proteções jurídicas pertinentes, os quais essas minorias reivindicam há tanto tempo, mesmo que lentamente, estão progredindo. E essa investigação reforça a tese de que a teledramaturgia brasileira amplia, na sociedade, os debates acerca das questões concernentes à esfera da representação social das mulheres e das questões de gênero, isto é, se mostrando enquanto uma ferramenta socioeducativa na ampliação dos direitos das pessoas.

## FONTES

AMARAL, Maria Adelaide. NEGRÃO, Walther. **A Casa das Sete Mulheres**. Rio de Janeiro: TV Globo: 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Dicionário da TV Globo**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

MEMÓRIA GLOBO. **Autores**: histórias da teledramaturgia. São Paulo: Globo: 2008.

NUNES, Valentina. **A Revolução Farroupilha através da minissérie A Casa das Sete Mulheres**. São Paulo: Editora Globo, 2003.

TV GLOBO – SINOPSE ORIGINAL DA MINISSÉRIE: **A CASA DAS SETE MULHERES** (2003).

WIERZCHOWSKI, Letícia. **A Casa das Sete Mulheres**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

**FONTES ORAIS**

Entrevista com **LÚCIO MANFREDI**. Concedida a Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva. São Paulo, 31/08/2022. 1 arq. MP3 (95 min.).

Entrevista com **MARIA ADELAÍDE AMARAL**. Concedida a Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva. São Paulo, 01/09/2022. 1 arq. MP3 (123 min.).

Entrevista com **VINCENT VILLARI**. Concedida a Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva. São Paulo, 30/08/2022. 1 arq. MP3 (128 min.).

Entrevista com **LETÍCIA WIERZCHOWSKI**. Concedida a Jéfferson Luiz Balbino Lourenço da Silva. Via WhatsApp, 11/10/2023. 2 arq. MP3 (10 min.).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. (et al.). **Teoria da Cultura de Massa**: Introdução, Comentários e Seleção de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ALENCAR, Mauro. **A Hollywood Brasileira**: panorama da Telenovela no Brasil. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2002. p. 17.
- ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BARBOSA, Carla Adriana da Silva. **As Mulheres da Elite Farroupilha**: Papéis de Gênero e Família (RS, 1835-1845). *Revista Cantareira*. ed. 24, jan-jun/2016, pp. 84-97.
- BARROS, José D'Assunção. **História e Pós-Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BEARD, Mary. **Mulheres e Poder**: um manifesto. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.
- BECKER, Howard S. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BENADIBA, Laura. **Espacios y prácticas em la Historia Oral**: experiências desde el compromiso. 1ª ed. Ituzaingó: Maipue, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade**, 1955. p. 2. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/obec/assets/acervo/arquivo/benjamin\\_reprodutibilidade\\_tecnica.pdf](http://www.ufrgs.br/obec/assets/acervo/arquivo/benjamin_reprodutibilidade_tecnica.pdf). Acesso em: 15/08/2020.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BORGES, Gabriela e REIA-BAPTISTA, Vítor. (Orgs.). **Discursos e práticas de qualidade na televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- BRUM, Daniela Moraes. **Feminismo pra quem?** Para todas as mulheres, inclusive, para aquelas que julgam não precisar dele. Bauru/SP: Astral Cultural, 2020.
- BUREAU, Marie-Christine; DIEUAIDE, Patrick. **Institutional change and transformations in labour and employment standards**: an analysis of 'grey' zones. *Transfer*, v. 24, n. 3, p. 261-277, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, José Murilo de. **Teatro das Sombras**: a política imperial. São Paulo: Vértice – Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro, 1988.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**: a era da informação, vol. 2. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9ª ed. rev. ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como Representação**. Tradução de Andréa Daher e Zenir Campos Reis. Revista Estudos Avançados. vol. 11, 1991, pp. 173-191.

COLLING, Ana Maria. As Chinas Gaúchas: a invisibilidade do feminino na Guerra do Paraguai. In: **Anais do XII Encontro Estadual de História – ANPUH/RS**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – USINOS: São Leopoldo, RS, 2014. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/30/1405373398\\_ARQUIVO\\_Textoanpuhrs.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/30/1405373398_ARQUIVO_Textoanpuhrs.pdf)>. Acesso em 02/04/2022.

CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**. Introdução às Teorias do Contemporâneo. 3ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: os dilemas da interpretação. **História Oral**, v. 17, n.2, p. 31-46, 2014.

**DICIONÁRIO DA TV GLOBO**. v. 1: Programas de Dramaturgia & Entretenimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FEITOSA, Sara. **Ficção Controlada**: o efeito de real na minissérie histórica. Curitiba: Appris, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da C. Albuquerque e A. J. Guilhon de Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOURIER, Charles. *Théorie des Quatre Mouvements et des Destinées Générales - Tome I*. Paris: Createspace Independent Publishing Platform, 2015.

FREIRE FILHO, João. O debate sobre a qualidade da televisão no Brasil: da trama dos discursos à tessitura das práticas. In: BORGES; REIA-BAPTISTA. **Discursos e práticas de qualidade na Televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. pp. 81-96.

GLOBOPLAY. **Ofício em Cena**. Apresentação de Bianca Ramoneda. Roteiro Bianca Ramoneda e Eliane Camolesi. Direção de Cristina Aragão. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=MM4tkyXh8Q8>. Acesso em 31/03/2022.

GOMES, Dias. **Dias Gomes – Apenas um subversivo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

GRECCO, Gabriela de Lima. **História e Literatura**: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. In: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. vol. 6. nº 11, 2014.

GZH LIVROS. **Marco do Feminismo, “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, completa sete décadas**. n/p. 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2019/06/marco-do-feminismo-o-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir-completa-sete-decadas-cjx9g784a01zu01o9jff0akxz.html>. Acesso em 21/07/2022.

HENDGES, Graciela Rabuske; NASCIMENTO, Roséli Gonçalves do. Convergências e Desafios para a pesquisa com imagens em movimento sob a perspectiva da análise do discurso multimodal. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM**. v. 26. n. 52. 2016.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão Feminista – arte, cultura, política e universidade**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Palavras Negras, 2019.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. S.l.: Kindle edition, s.d.

HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o Pós-Moderno. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pós-Modernismo e Política**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HUYSSSEN, Andreas. **Memórias do Modernismo**. Tradução de Patrícia Farias. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JAMESON, Frederic. **Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2006.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York: NYU Press, 2006.

JENKINS, Keith. **On ‘What is History’ – From Carr and Elton to Rorty and White**. Londres: Routledge, 1995.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Revisão da Tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et. al.]. 5ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LEROI-GOURHAN, Andre. **Le geste et la parole**. Paris: Michel, 1964-1965, 2 vols. (trad. port. Lisboa: Edições 70, 1981-1983).

LOBO, Narciso Júlio Freire. **Ficção e política: o Brasil nas minisséries**. Manaus: Editora Valer, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MEMÓRIA GLOBO. **Guia Ilustrado TV Globo: novelas e minisséries**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTELEONE, Joana Moraes. A moda, as cores e a representação feminina no Segundo Reinado (Rio de Janeiro, 1840-1889). In: **19&20** (Rio de Janeiro), v. XII, p. 1-15, 2016. Disponível em: < [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/jm\\_moda.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/jm_moda.htm)>. Acesso em 31/10/2023.

MORATELLI, Valmir. FRAGUITO, Giovanna. **Débora Falabella comenta desdenho de atores por novelas**. In: < <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/debora-falabella-comenta-desdenho-de-atores-por-novelas>>. Publicado digitalmente em 14/01/2023. Acesso em 22/10/2023.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareshi. 11<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NADAI, Bruna Cardoso de. SILVA, Wallace de Gois. **A Mídia como elemento potencializador de efeitos de poder**: verdade, sujeição e resistência. In: Escola Superior de Gestão e Contas Públicas Conselheiro Eurípedes Sales, EGC-TCM. 2020. Disponível em: <<https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/images/artigos/hotsite/midia-efeitos-poder-tcc.pdf>>. (Artigo de Curso de Aperfeiçoamento)].

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKI, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 2<sup>a</sup> ed. 1<sup>a</sup> reimp. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 235-290.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2000. vol. 8, n.2: p. 09-41.

NUNES, Valentina. **A Revolução Farroupilha através da minissérie A Casa das Sete Mulheres**, São Paulo: Editora Globo, 2003.

ORTIZ, Renato. BORELLI, Silvia Helena Simões. RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela: História e Produção**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 25-27.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

OUTHWAITE, William. BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do século XX**. Editoria da versão brasileira: Renato Lessa, Wanderley Guilherme dos Santos. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia de Televisão**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEDRO, Joana Maria. (2005). Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa. In: **História** [online]. vol. 24, n 1: p. 81.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKI, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9<sup>a</sup> ed., 1<sup>a</sup> reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINSKY, Carla B. (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 1989.

POMIAN, Krzysztof. História Cultural, História dos Semióforos. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. **Por uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

PORTO, Carla Lisboa. Sobre metodologia e a escuta como lugar sensível. In: ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). **História Oral como experiência**: reflexões metodológicas a partir de práticas de pesquisa. Teresina: Cancioneiro, 2021.

PROJETO MEMÓRIA GLOBO. **Guia Ilustrado TV Globo**: novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

PUCCI JUNIOR, R. L. Cinema Pós-moderno. In: Fernando Mascarello. (Org.). **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus Editora, 2006, v., p. 361-378.

PUCCI JÚNIOR, Renato Luiz. A Televisão Brasileira em nova etapa? *Hoje é Dia de Maria* e o cinema pós-moderno. In: **Anais do 19º Encontro Anual da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. 2010. Disponível em: [http://compos.com.puc-rio.br/media/gt10\\_renato\\_pucci.pdf](http://compos.com.puc-rio.br/media/gt10_renato_pucci.pdf). Acesso em 01/03/2022.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. **As Mulheres no Cotidiano do Rio Grande do Sul Farroupilha**. In: Revista Justiça e História, v. 6. n. 12, 2008.

REIMÃO, Sandra. **Livros e Televisão**: correlações. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

ROSSINI, Miriam de Souza. **As Marcas do Passado**: o filme histórico como efeito do real. Porto Alegre: UFRGS/Programa de Pós-Graduação em História, Tese de Doutorado, 1999.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para una teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (compiladora). **Placer y peligro**. Explorando la sexualidade feminina. Madrid: Talasa Ediciones, 1989, p. 113-190.

SADEK, José Roberto. **Telenovela**: um olhar do cinema. São Paulo: Summus, 2008.

SAMARA, Eni de Mesquita. **As mulheres, o poder e a família**: São Paulo, século XIX. São Paulo: Editora Marco Zero / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SANDOICA, Elena Hernández. História de las Mujeres y de Las Relaciones de Género. In: **Tendencias Historiográficas Actuales**: Escribir Historia Hoy. Madri: Akal, 2004.

SANTHIAGO, Ricardo. MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História Oral na sala de aula**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada** – ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução: Paulo Perdigo. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SCAVONE, Lucila. Estudos de Género: uma sociologia feminista?. In: **Revista Estudos Feministas**. vol. 16. n.1: p.173-186, 2008.

SCHUMAHER, Schuma. BRAZIL, Érico Vital (org.). **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCOTT, Ana Silvia. O Caleidoscópio dos arranjos familiares. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e História**. México: FCE – Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In*: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, 1990. vol. 16, n.2: p 5-22.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAIFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKI, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

SOUTO, Cintia Vieira. Anita Garibaldi: heroína, mas virtuosa. *In*: ST 42 - **História, gênero e trajetórias biográficas**. Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2006.

SOUZA, Laura de Mello e. **Os Desclassificados do Ouro**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

THOMPSON, Kristin. **Storytelling in film and television**. Cambridge e Londres: Harvard University Press, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução a Correspondência de Aberlardo e Heloísa**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.